

JULIANA OLIVEIRA COSTA E SANTOS

**POR DIAS MELHORES: UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CRÔNICAS
MEMORIALÍSTICAS NA EJA EM TEMPOS PANDÊMICOS**

JANEIRO DE 2021

SINOP-MT

JULIANA OLIVEIRA COSTA E SANTOS

**POR DIAS MELHORES - UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CRÔNICAS
MEMORIALÍSTICAS NA EJA EM TEMPOS PÂNDEMICOS**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso *Campus* de Sinop, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos
Orientadora: Profa. Dra. Marta Helena Cocco

JANEIRO DE 2021

SINOP-MT

Ficha catalográfica

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S237p Santos, Juliana Oliveira Costa e.

Por dias melhores: uma experiência de produção de Crônicas Memorialísticas na EJA em tempos pandêmicos / Juliana Oliveira Costa e Santos. – Sinop, 2021.

120 f. ;30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientadora: Dra. Marta Helena Cocco.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Letramento Literário. 3. Textos Memorialísticos. I. Cocco, M. H., Dra. II. Título. III. Título: uma experiência de produção de Crônicas Memorialísticas na EJA em tempos pandêmicos.

CDU 374.72:821.134.3-94

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

JULIANA OLIVEIRA COSTA E SANTOS

**POR DIAS MELHORES - UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO DE CRÔNICAS
MEMORIALÍSTICAS NA EJA EM TEMPOS PANDÊMICOS**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Sinop, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Helena Cocco
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Profa. Dra. Marli Terezinha Walker
Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT/Cuiabá

Data da defesa: 16 de Março de 2021

Local da defesa: Via Google Meet – Conforme Portaria 001/2020 - Câmpus Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso.

DEDICATÓRIA

*À Minha Mãe Esmeralda,
pessoa essencial em minha vida,
com quem compartilho muitos dos meus sonhos,
e de quem recebi, e continuo recebendo, o incentivo e apoio incondicional sempre.
Ao Meu Esposo Marcelo,
com quem compartilho, diariamente, o sol, o ar, o pão, o vinho,
mas também as angústias e incertezas
que o período de Mestrado produziu em mim.
Agradeço, imensamente, pelo Amor, Companheirismo e Afeto.*

Agradecimentos

A Deus, pela vida e por estar comigo, fortalecendo-me com saúde e discernimento durante este percurso;

ao meu Amado Esposo, pelo incentivo para entrar no Mestrado e por acreditar no meu potencial, quando eu não tinha certeza disso;

aos meus filhos Marcella e Juliano, por compreenderem a minha ausência e por deixarem a vida mais leve e linda;

ao neto James Henrique, que me acompanhou e “ajudou”, diariamente, nas leituras e escrita deste trabalho. E por muitas vezes, não se contentava em sentar ao lado, tinha que sentar no meu colo;

à minha Querida Mãe, sempre me incentivando e pronta para cuidar das crianças, para que eu pudesse me deslocar com mais tranquilidade para Sinop;

à Professora Dra. Marta Helena Cocco, minha orientadora, que com seu carinho, seriedade, competência, leveza e muita paciência, me orientou na construção das aprendizagens necessárias para que eu pudesse ter como resultado este trabalho;

à minha colega de Orientação Ângela Sena, pela oportunidade de convivência e aprendizagens;

às Colegas Marília, Neiva, Ângela, Isabela, Karina e Rosalina, parceiras de escrita, de hotel, dos lanches e refeições, dos passeios, gratidão pelos diálogos, aprendizagens e afeto.

a todos os colegas da Turma 06 do PROFLETRAS da UNEMAT-Sinop/MT;

aos Professores da Turma 06 do PROFLETRAS da UNEMAT-Sinop/MT, Albina Pinho, Antonio Mantovani, Cláudia Landin, José Lima, Marta Cocco e Neusa Inês. Obrigada pelos ensinamentos, pelas palavras acolhedoras e esclarecedoras;

a todos os estudantes do CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos – “Cleonice Miranda da Silva” de Colider, Mato Grosso, neste trabalho representados por Ana Josina, Elias, Elizardo, Rosenilda, Ruanna, Saintonise e Valtair; gratidão eternamente;

ao Diretor do CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos – “Cleonice Miranda da Silva” de Colider, Cláudio Scalon, pela confiança, respeito e apoio para com a nossa pesquisa;

à Equipe de Técnicos da Secretaria Escolar do CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos – “Cleonice Miranda da Silva” de Colider, que prontamente nos disponibilizou as informações necessárias, para que pudesse ter acesso aos estudantes, diante do cenário da Pandemia;

ao Amigo Romeu Donatti, pelo olhar e “pitacos” valiosos no meu trabalho;

ao Coordenador do PROFLETRAS-UNEMAT/Sinop, Professor Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, pela disposição, responsabilidade e zelo para com o programa e seus discentes;

à Elisângela e Ana da Secretaria do PROFLETRAS-UNEMAT/Sinop, pelo acolhimento, competência e presteza;

à UNEMAT/Sinop, por oportunizar às pessoas como eu, que vivem “no interior do interior”, o acesso a um programa de Mestrado;

à CAPES pelo fomento à pesquisa.

Protopoema - José Saramago

*Do novelo emaranhado da memória,
da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.
Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos.
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
e tem a macieza quente do lodo vivo.
É um rio.
Corre-me nas mãos, agora molhadas.
Toda a água me passa entre as palmas abertas,
e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem.
Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o
próprio corpo do rio.
Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os
barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que
vagarosamente deslizam sobre a película luminosa dos olhos.
Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas
águas como os apelos imprecisos da memória.
Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga.
Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e
firme pulsar do coração.
Agora o céu está mais perto e mudou de cor.
É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo
acorda o canto das aves.
E quando num largo espaço o barco se detém, o meu
corpo despido brilha debaixo do sol, entre o
esplendor maior que acende a superfície das águas.
Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas
da memória e o vulto subitamente anunciado do futuro.
Uma ave sem nome desce donde não sei e vai pousar
calada sobre a proa rigorosa do barco.
Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que
as aves digam nos ramos por que são altos os
choupos e rumorosas as suas folhas.
Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem,
sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas
verticais circundam.
Aí, três palmos enterrarei a minha vara até à pedra viva.
Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se
juntarem às mãos.
Depois saberei tudo.*

(in PROVAVELMENTE ALEGRIA, Editorial CAMINHO, Lisboa, 1985, 3ª Edição)

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência de projeto de intervenção pedagógica desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop-MT) que atendeu estudantes do Ensino Fundamental II, do CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) “Cleonice Miranda da Silva”, na cidade de Colider-MT. A sequência de atividades desenvolvidas teve como objetivo contribuir para a formação do leitor da Educação de Jovens e Adultos-EJA, por meio de atividades de letramento com textos memorialísticos, e também despertar o conhecimento de mundo e experiências pessoais dos alunos, propiciando situações de leitura significativas. Assim, partiu-se das fragilidades apresentadas pelos alunos desta modalidade de ensino, no tocante à leitura e à compreensão de texto, para vincular o trabalho com a literatura. Os textos literários memorialísticos da literatura contemporânea produzida em Mato Grosso foram utilizados como instrumentos para a esquematização das atividades de leitura, o que permitiu, além de conhecimento cultural da produção literária do Estado, tornar o ato da leitura e produção um processo significativo, tendo em vista que esse gênero permite ao leitor a expressão de suas subjetividades. Afinal, são histórias de livros que refletem histórias de vida e histórias de vida resgatadas a partir de histórias de livros. E, ao narrarem suas histórias de vida, os alunos da EJA se percebem como sujeitos ativos e refletem sobre os fatos narrados, contribuindo, assim, para construção e reafirmação de suas identidades, além do resgate da autoestima. A proposta se encontra fundamentada nos aportes teóricos do letramento literário (PAULINO, COSSON, 2009; COSSON, 2019; SOUZA, COSSON, 2011), do gênero crônica (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987; CANDIDO, 1992; CANDIDO, 1995; SÁ, 1985), sobre memória (BENJAMIN, 1985; BOSI, 2003; LE GOFF, 1990; PORTO, 2011) da leitura subjetiva (ROUXEL, 2012, 2013a, 2013b), da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2018), dos Documentos de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso – DRC-MT – (MATO GROSSO, 2018). O produto final desta pesquisa intervencionista foi uma coletânea de memórias produzida pelos alunos, a qual propiciou o (auto) entendimento e aproximou duas histórias: a história da vida real e a história contada na literatura. A coletânea ficará disponível no anexo desta dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Letramento Literário. Textos Memorialísticos.

ABSTRACT

This paper reports an experience of a pedagogical intervention project developed in the Professional Master of Arts (PROFLETRAS / UNEMAT / Sinop-MT) that attended students of Elementary School II, CEJA (Center for Education of Youth and Adults) “Cleonice Miranda da Silva”, in the city of Colider-MT. The sequence of activities developed, aimed to promote the formation of the reader of Youth and Adult Education - EJA, through literacy activities with memorialistic texts, texts, and also awaken the knowledge of the world and personal experiences of students, providing situations of significant reading. Thus, we started from the weaknesses presented by students in this teaching modality, with regard to reading and text comprehension, in order to link work with literature. The memorialistic literary texts of contemporary literature produced in Mato Grosso were used as instruments for the layout of reading activities, which allowed, in addition to cultural knowledge of the State's literary production, to make the act of reading and production a significant process, in view of that this genre allows the reader to express his subjectivities. After all, they are book stories that reflect life stories and life stories rescued from book stories. And when narrating their life stories, EJA students perceive themselves as active subjects and reflect on the facts narrated, thus contributing to the construction and reaffirmation of their identities, in addition to the recovery of self-esteem. The proposal is based on the theoretical contributions of literary literacy (PAULINO, COSSON, 2009; COSSON 2019; SOUZA, COSSON, 2011), of the chronic genre (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987; CANDIDO 1992; CANDIDO 1995; SÁ 1985), about memory (BENJAMIN 1985; BOSI 2003; LE GOFF 1990; PORTO 2011) of the subjective reading (ROUXEL, 2012, 2013a, 2013b), of the Common Curricular National Base - BNCC (BRASIL, 2018), of the Reference Documents of the State of Mato Grosso - DRC-MT (MATO GROSSO, 2018). The final product of this interventionist research was a collection of memories produced by the students, which provided (self) understanding and brought together two stories: the story of real life and the story told in the literature. The collection will be available in the annex to this dissertation.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Literary Literacy. Memorialistic Texts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Imagem do grupo de WhatsApp ‘Coletânea de memórias’	46
Figura 2. Resposta Alipio sobre memória.	47
Figura 3. Resposta Saintonise sobre memória.....	47
Figura 4. Resposta Elizardo sobre memória.	47
Figura 5. Resposta Ana Paula sobre memória.	47
Figura 6. Apresentação da obra <i>Passado a limpo</i> de Icléia Rodrigues de Lima.	49
Figura 7. Imagem de Icléia Rodrigues de Lima.	50
Figura 8. Compreensão de texto I.....	52
Figura 9. Questões para debate.....	52
Figura 10. Agora é com você.	53
Figura 11. Respostas dos estudantes. Aluno 1.	53
Figura 12. Respostas dos estudantes. Aluno 2.	54
Figura 13. Compreensão de texto II.	55
Figura 14. Respostas dos estudantes. Aluno 3.	56
Figura 15. Restaurante Choppão, Cuiabá, Mato Grosso.	57
Figura 16. Postagem no grupo de WhatsApp I.....	57
Figura 17. Postagem no grupo de WhatsApp II.	58
Figura 18. Postagem no grupo de WhatsApp III.	58
Figura 19. Compreensão de texto III.	58
Figura 20. Divulgação do resultado do Projeto ‘Tecendo Memórias’ I	60
Figura 21. Divulgação do resultado do Projeto ‘Tecendo Memórias’ II.....	60
Figura 22. Divulgação do resultado do Projeto ‘Tecendo Memórias’ III	61
Figura 23. Produção textual do estudante 01.....	62
Figura 24. Produção textual da estudante 02.....	62
Figura 25. Produção textual da estudante 03.....	63
Figura 26. Produção textual do estudante Elizardo – Módulo 2	64
Figura 27. Produção textual do estudante Elias – Módulo 2.....	65
Figura 28. Produção textual da estudante Rosenilda – Módulo 2	66
Figura 29. Produção textual da estudante Ana – Módulo 2	67
Figura 30. Produção textual do estudante Saintonise – Módulo 2	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Fala dos estudantes sobre a escritora Icléia Rodrigues de Lima	49
Tabela 2. Inferências dos estudantes sobre o assunto da crônica ‘O bolo da caixa azul’	51
Tabela 3. Depoimento de estudantes. Aluno 08	59
Tabela 4. Depoimento de estudantes. Aluno 09.	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.....	18
1.1 A Educação de Jovens e Adultos.....	20
2 MEMÓRIAS E TEXTOS MEMORIALÍSTICOS.....	24
2.1 Gênero Crônica.....	28
3 A PESQUISA: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	36
3.1 Local de aplicação do Projeto.....	36
3.2 A pesquisa-ação como método de intervenção.....	37
3.3 O livro <i>Passado a limpo</i> de Icléia Rodrigues de Lima.....	42
4 O PROCESSO E OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	45
4.1 Contexto	45
4.2 Aplicação	46
4.3 Análise da produção escrita.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	76
Anexo 1. Crônica I – O bolo da caixa azul.....	76
Anexo 2. Crônica II – As brevidades de Rita Vaz Pinto	78
Anexo 3. Crônica III – Check-ups de ontem e piriris de hoje	79
Anexo 4. Crônica IV – Bom Jesus de Cuiabá	80
Anexo 5. Tecendo Memórias.....	81
APÊNDICES	112

INTRODUÇÃO

Esta proposta de leitura e de produção escrita com textos de temática memorialística será desenvolvida em uma unidade escolar que atende exclusivamente a modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nosso ponto de partida é a experiência de anos de trabalho com esta modalidade que tem nos mostrado as dificuldades dos alunos quanto à capacidade compreensiva de textos e pouco interesse pela leitura, o que provoca, consequentemente, fragilidades e uma certa aversão à produção de textos dos alunos do Ensino Fundamental II, do CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos – “Cleonice Miranda da Silva” – Colider/MT.

A modalidade EJA tem muitas peculiaridades, por isso é desafiadora, desde sua regulamentação até o interior da escola. Na Constituição Federal de 1988, a EJA atingiu um avanço significativo em relação à forma de tratamento que recebia até então, pois, no art. 208, parágrafo 1º, ela passou a ser reconhecida como direito público subjetivo dos cidadãos, “[...] fazendo a inflexão da perspectiva de política compensatória para a visão de educação como direito”, conforme afirmam Ireland, Machado e Paiva (2007, p. 86).

Estes autores também destacam que, mesmo após o avanço conquistado em 1988, a modalidade enfrentou uma situação de retrocesso com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB – de 1996. Segundo Ireland, Machado e Paiva (2007, p. 86), a LDB de 1996 a apresenta, particularmente no art. 38, como “cursos e exames supletivos”, retomando, assim, a ênfase na perspectiva compensatória. Por outro lado, segundo Vieira e Fonseca (2000, p. 1-2), há uma “[...] crescente desobrigação governamental face aos direitos sociais, dentre eles, os educacionais. A educação de jovens e adultos tem sido uma das modalidades de ensino alijadas deste processo”, mas, observamos também que, na Emenda Constitucional n. 14 de 1996, não há uma referência direta à EJA, invisibilizando milhares de cidadãos, mesmo que a Ementa não tenha suprimido o direito público subjetivo ao Ensino Fundamental gratuito. É visível a fragilidade da política pública existente, pois não garante a esta modalidade a plenitude de seus direitos.

A EJA, em sua complexidade e heterogeneidade, vem marcada por um *continuum* de luta e desafios, e isto não é um ponto negativo, pelo contrário, é muito pertinente este cenário. Para Alves (2013), o que se faz necessário é saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as exigências sociais, tendo em vista o aprimoramento da cidadania e do letramento. Vale ressaltar ainda que os estudantes de EJA, em sua maioria, carregam suas próprias privações em virtude de uma trajetória escolar interrompida ou com uma referência não positiva.

Entre os desafios da EJA está o material didático. É preciso enfatizar que é na escola o local em que estes estudantes têm acesso a livros e a momentos de leitura. Há coleções de livros didáticos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e do Plano Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD que priorizam o ensino do código e não a leitura. Outro aspecto importante a se observar é a questão da literatura regional nestes materiais didáticos. Os mesmos já passaram do período estipulado para uso e não há previsão de serem produzidas novas coleções. Em 20 anos de magistério, não foi constatado, nos livros didáticos com os quais trabalhamos, a presença de outros autores, exceto Manoel de Barros (por já pertencer ao cânone nacional), que compõem a literatura regional, mais especificamente, literatura produzida em Mato Grosso. Há uma presença tímida da literatura regional e, se não estão nos livros didáticos, como inseri-los no cotidiano escolar? Baggenstoss (2018, p. 12) corrobora com esta realidade ao afirmar que “[...] pesquisamos quatro coleções diferentes de livros didáticos utilizados pelos 8º e 9º anos. Em oito volumes analisados, só houve um poema de Manoel de Barros em mais de 1.400 textos disponíveis”.

Sobretudo, compreende-se a importância de se trabalhar gêneros e formas literárias que contemplem temáticas regionais cotidianas inerentes ao contexto dos estudantes da modalidade EJA, portanto foi elaborada esta proposta de leitura e produção escrita a fim de divulgar e privilegiar a literatura produzida em Mato Grosso no contexto escolar. A maioria das escolas não estabelece como prioridade a literatura regional, seja pela falta de incentivo do governo em proporcionar obras de autores mato-grossenses, ou pelo desconhecimento desta literatura pelos professores de língua portuguesa, ou pelas duas situações.

Desta forma, é extremamente relevante a escola apresentar e utilizar a literatura regional, pois é por meio desta que os estudantes terão contato com a cultura, linguagem e temáticas locais, favorecendo a ampliação do repertório literário. Os Documentos de Referências Curriculares - DRC do Estado de Mato Grosso mostram que:

No caso específico da literatura produzida em Mato Grosso, alguns autores apresentam sua obra utilizando o espaço geográfico específico do estado, com seus biomas, e aspectos culturais, como o linguajar da baixada cuiabana em contraste com aquele trazido pelos migrantes de diferentes partes do país, enquanto outros abrem mão dessa caracterização regional e universalizam seu discurso. (MATO GROSSO, 2018, p. 61).

Percebe-se, deste modo, que as novas diretrizes curriculares intencionam promover ainda mais a inclusão de temas, poesias, contos, crônicas de escritores mato-grossenses nas atividades escolares da Educação Básica. Observa-se que as DRC foram aprovadas em 2018, em 2019 pouco ou nada foi oferecido aos professores como formação continuada ou outros

cursos para o fomento desta especificidade literária tão importante e em 2020 iniciamos o ano com a pandemia que se estende até nossos dias. Notamos, assim, um cenário contraditório em relação à ao incentivo quanto a implementação de questões e estudos da literatura produzida em Mato Grosso, pois os documentos oficiais destacam e cobram que os procedimentos de leitura sejam desenvolvidos com textos literários mato-grossenses que tratam de aspectos regionais.

Diante deste contexto, preparou-se uma proposta de letramento literário em que textos da literatura regional serão utilizados para mostrar para toda a comunidade a relevância que a literatura exerce na formação intelectual do ser humano. Textos que trazem como temáticas as memórias da escritora Icléia Rodrigues de Lima, que serão trabalhados, a fim de aproximar os estudantes do texto, pois todos têm algo para contar, para reviver, para lembrar, como reitera Luís Buñuel (2009), quando enfatiza que as memórias nos trazem coerência, ação, razão e sentimentos e que sem elas não podemos ser nada.

Este trabalho está organizado com fundamentação teórica que considera os fundamentos da importância da leitura, o direito à literatura, os letramentos na EJA e literário e a literatura produzida em Mato Grosso e o tema memória. Em seguida, temos a proposta organizada em módulos inspirada na Sequência Básica de Rildo Cosson (2019), por meio da pesquisa-ação e por fim os resultados obtidos.

O primeiro capítulo – A importância da literatura na formação humana – busca fornecer embasamentos teóricos para a relevância da literatura e sua função humanizadora e da leitura literária na escola. Ainda, neste capítulo, teremos algumas considerações sobre a modalidade EJA.

O segundo capítulo – Memórias e textos memorialísticos –, trata do papel da memória na formação subjetiva de cada um. A relevância de textos memorialísticos para conhecer e reconhecer histórias pessoais, além de estabelecer um diálogo entre texto/leitor e leitor consigo mesmo. Algumas ponderações sobre o gênero crônica, que será utilizado para este projeto de intervenção, que, com sua brevidade, simplicidade e graça, é capaz de propiciar o repentino em experiência e reflexão.

Na sequência, o terceiro capítulo – A pesquisa: caminhos metodológicos – apresenta o local de Aplicação do Projeto, os caminhos metodológicos percorridos em cada momento das oficinas, os materiais utilizados e descreve-se as ações/reações dos alunos diante das leituras e momentos de produção. Ainda, neste capítulo, temos alguns apontamentos sobre a obra de Icléia Rodrigues de Lima *Passado a limpo*, obra que inspira este projeto de intervenção. Salienta-se, também, o processo de letramento literário a ser promovido nas escolas, visto que

autores como Souza e Cosson (2011) destacam a importância dessas instituições, para que realmente possa se concretizar o letramento de literatura, sendo o professor seu principal mediador.

No quarto e último capítulo – O processo e os resultados da pesquisa – são apresentados os resultados alcançados a partir das etapas contempladas, com amostra das produções analisadas conforme os pressupostos teóricos balizadores da proposta.

E por fim, apresentamos as considerações finais, as referências, os anexos e os apêndices, estes dois últimos com as crônicas completas de Icléia Rodrigues de Lima trabalhadas no desenvolvimento do projeto; a produção dos estudantes dispostas no livro *Tecendo Memórias e imagens fotográficas do momento da divulgação do livro no CEJA de Colider*.

1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

O ser humano tem necessidades que precisam ser atendidas no cotidiano, e o contato com o universo fabuloso faz parte desta necessidade “[...] o direito à crença, à opinião, ao lazer e por que não à arte e à literatura” (CANDIDO, 2011, p. 176). Destaca-se aqui a literatura não só como um direito, mas também como uma carência de todos os humanos em todos os tempos. Para Candido (2011), a literatura é manifestação universal e estar em contato com anedotas, causos, histórias em quadrinhos, ou seja, com o mundo da fabulação e da poesia, corresponde a uma necessidade que deve ser satisfeita, e essa satisfação constitui um direito.

A literatura possibilita perceber as questões do mundo de forma equilibrada e de certa maneira mais humana. Candido (2011, p. 177) destaca que “[...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. A literatura nos apresenta um mundo contraditório, por isso é humanizadora. A força da palavra organizada nas construções literárias humaniza nossa personalidade, satisfaz as necessidades básicas do ser humano, a fim de enriquecer a percepção e a visão de mundo. Tanto é que, no universo escolar, o livro chega a gerar uma situação conflituosa acerca da percepção do mundo porque o seu efeito vai além das normas estabelecidas.

Candido (2011, p. 182) conceitua o termo humanização como:

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Assim, a literatura tem o poder de nos humanizar e nos colocar no lugar do outro, fazer com que possamos estar abertos e compreensivos a novos pensamentos, nos libertando de conceitos estabelecidos, ou seja, pode nos ajudar a entender o mundo e a viver melhor. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – postula isto quando orienta que:

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 138).

Nesta perspectiva, Freire (2008) assevera que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, ou seja, linguagem e realidade estão imbricadas. O entendimento do texto a ser alcançado por sua leitura crítica proporciona a percepção das relações entre o texto e o contexto. A leitura da palavra somada à leitura de mundo, possibilita uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra, uma leitura antecipadora e intertextual, que permite a negociação de significados.

Neves (1999) ressalta a necessidade de formar leitores e considera que o ato de ler, portanto, precisa ser ensinado na escola que é uma mediadora fundamental neste desenvolvimento, ou seja, que a prática da leitura e da escrita contemple a implementação do processo de ensino e de aprendizagem, iniciado em sala de aula e estendido pela vida afora do indivíduo.

Entretanto, a escola, na maioria das vezes, é o único espaço em que os estudantes têm contato com o texto literário e com experiências subjetivas, interpretativas que o texto proporciona. Para Rouxel (2012, p. 272), “O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir”. Assim, faz-se necessário que o ambiente escolar propicie a experiência pessoal do aluno com a literatura, despertando sentimentos, sensações e concepções. Logo, o espaço escolar é fundamental para a formação do leitor literário, do processo da apropriação da literatura, ou seja, do letramento literário.

Letramento é um termo que vem sendo muito utilizado. Tem origem no vocábulo inglês *literacy* e tem recebido vários sentidos em português. De modo sucinto, pode-se dizer que um indivíduo que saiba ler e escrever é uma pessoa letrada, porém numa concepção mais ampla, todas as pessoas são letradas, porque têm o letramento social que, segundo Soares (2003), corresponde ao conhecimento de mundo de que nos fala Freire (2008) e “[...] as habilidades específicas, apropriadas por aprendizagem, referem-se ao letramento escolar” como afirma Kleiman (1989; 1995 apud MOLLICA e LEAL, 2009, p. 12). De acordo com Leal e Mollica (2009), letramento pode significar, ainda, múltiplos saberes de natureza sócio-político-cultural que os cidadãos podem colocar em prática em sua comunidade para fins diversos.

O letramento literário é um letramento singular e diferencia-se dos demais, requer contato direto com o texto literário. Entretanto, no ambiente escolar, enfrenta muitos empecilhos como: o texto como pretexto, modelo de um aluno repetidor literal, conforme as respostas dos livros didáticos. Uma cultura das escolas em priorizar o letramento “serviçal” em nome de uma sociedade pronta e organizada, utilização de texto na maioria das vezes sem

significado para os alunos e estes, é claro, se referem ao texto literário como chato e bolorento e, quando se tem a oportunidade de explorar os sentidos do texto, este é tratado apenas com sentido documental. Rouxel et al (2013) asseveram que não podemos limitar o mergulho no texto literário. Muito pelo contrário, é preciso oportunizar este mergulho. Para concretizar o letramento literário, Paulino e Cosson (2009, p. 75) destacam que

[...] é necessário a ampliação e consolidação da relação do estudante com a literatura. Que a literatura se faz presente em sua comunidade, não apenas nos textos escritos e reconhecidos como literários, mas em outras formas que expandem e ajudam a constituir o sistema literário.

Assim, apresentar aos alunos textos de tradição oral, dos meios de comunicação de massa e outras manifestações é imprescindível, pois o aluno passa a estabelecer uma relação mais próxima com a literatura, e “[...] para que este encontro seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (PAULINO e COSSON, 2009, p. 75). Promover o letramento literário implica em oportunizar que os alunos atribuam sentidos aos textos.

1.1 A Educação de Jovens e Adultos

Há muitos anos a EJA está à margem da sociedade, fato concreto desta realidade é a descontinuidade e ineficácia de inúmeras políticas públicas no contexto escolar, no que se inclui o MOBREAL, o Movimento de Alfabetização, o Programa de Alfabetização Solidária, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, entre outros.

Conforme as indicações do Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, elaborado para a UNESCO em 1996, (DELORS, 1996), a EJA deve ser desenvolvida de modo a superar as concepções fragmentadas e fragmentadoras que, por longo período, orientou o processo educacional-escolar de jovens e adultos no Brasil; neste sentido, os quatro pilares educacionais da aprendizagem apresentados no sobredito Relatório ganham o sentido de orientar e organizar o processo educacional, concebida a aprendizagem como processo que se desenvolve ao longo da vida: aprender a conhecer – adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer – para poder agir sobre o meio em que se vive; aprender a viver juntos – para que se possa participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser – conceito principal, que integra todos os precedentes.

Afirma-se, assim, o sentido da EJA por suas finalidades ou funções: reparadora – que repara o direito não atribuído na infância; equalizadora – compreendendo que a única forma de assegurar igualdade no direito é priorizar os que estão distantes dele; e qualificadora – que,

conforme consta no Parecer n. 11/2000 do CNE, (BRASIL, 2000, p. 11, grifo no original), “Mais do que uma função, ela é o próprio **sentido** da EJA”; pois,

[...] tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares [...] ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

Em sua maioria, os sujeitos da EJA carregam consigo um histórico escolar permeado por desistências e fracassos e, invariavelmente, chegam à escola desacreditados e pouco otimistas de que a construção de outra realidade é possível, o que impede a evolução destes jovens e adultos na sociedade e no mundo do trabalho.

Diante deste cenário, é imprescindível que a escola seja um espaço em que se possa adquirir conhecimentos e a promoção da inclusão social. Segundo Cruz et al. (2011, sp¹),

[...] um dos principais passos para o trabalho com Educação de Jovens e Adultos é a valorização do conhecimento prévio e o reconhecimento dos alunos como portadores de cultura e saberes. São pessoas que estão voltando para a escola, muitas das vezes em busca da educação que o mercado exige. Chegam cansados depois de um dia de trabalho, têm pouco tempo para se dedicar aos estudos, mas chegam também com muitas histórias e vivências. Partindo desse princípio, toda a preparação das aulas deve ser pautada sobre o que os alunos trazem como conhecimento, o que querem aprender e suas necessidades. A sistematização do ensino para jovens e adultos deve ter como finalidade facilitar suas relações pessoais e sua integração profissional.

O método desenvolvido por Paulo Freire baseia-se em forma de uma educação dialógica, ao valorizar a realidade sociocultural do educando. Método este que contempla a educação popular. Logo, o acolhimento destes sujeitos deve ocorrer com enfoque à elevação da autoestima, sempre respeitando a diversidade de conhecimento, interesses e vivências que trazem consigo. Mesmo porque, a modalidade hoje atende também a adolescentes, entre 15 e 17 anos, que são transferidos de outras escolas; adultos que estavam fora da escola que retornam para sobreviverem no mercado de trabalho e idosos que buscam, neste espaço, interação. É preciso criar condições de acolhimento, como afirma Barcelos (2010), sob pena de este ser apenas mais um retorno, a ser logo seguido de mais um abandono.

Pensando nisso, este trabalho propõe uma produção de leitura e de escrita baseada em sequência com textos memorialistas, pois estes permitem uma abordagem que respeite a diversidade, ou seja, como instrumento de promoção da leitura e escrita de forma que valorize todo conhecimento do sujeito de EJA. Segundo Freire (2008, p. 11), a leitura é um processo

¹ Sem página (sp) – No texto, conforme consta nas Referências Bibliográficas, não é possível indicar a paginação.

“[...] que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita [...]”, mas se alonga na leitura do mundo que precede a leitura da palavra, linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Portanto, a compreensão do texto a ser alcançada pela leitura implica a percepção das relações entre texto e contexto.

O DRC-MT (2018) corrobora para o desenvolvimento de leituras significativas, o professor deve proporcionar condições para que o estudante entre em contato com textos que lhe permitam o estabelecimento de relações e sentidos, tanto no texto quanto em sua própria vida.

Considerando que a prática da leitura e escrita é um processo e não um produto, acredita-se que este trabalho possa ser o primeiro passo para o aprimoramento da prática destas habilidades nestes sujeitos, por meio de uma relação dialógica, na qual o professor terá um olhar diferenciado sobre as expectativas de vida e condições de produção de texto.

A produção textual com base em gêneros pode levar o aluno a compreender como participar de modo ativo das ações de uma comunidade, ou seja, o trabalho pedagógico com os gêneros assume centralidade não pelo fato de os gêneros servirem como um “[...] modelo para aprender a produzir textos bem compostos em sua estrutura formal, mas porque eles permitem [aos alunos e professores] sentirem o próprio fluxo da vida” (MARCUSCHI, 2008, p. 5).

Rildo Cosson, no seu livro “Letramento literário: teoria e prática”, assim considera:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais do que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2019, p. 17).

Levando em conta esses pressupostos, acreditamos que é possível contribuir com o processo de letramento literário no Ensino Fundamental da EJA, usando a metodologia da sequência básica, para incentivar os alunos a ler e a escrever a partir do repertório de suas experiências pessoais. Esta metodologia está organizada em “passos”, o que propicia o acompanhamento e desenvolvimento dos estudantes de maneira eficaz e natural. Nota-se que o letramento literário vem sendo deixado em segundo plano no Ensino Fundamental, principalmente na EJA, dando espaço apenas para as questões linguísticas, que são importantes também. Porém, a leitura do texto literário é fundamental para desenvolver habilidades necessárias à leitura crítica e também para estimular a escrita das memórias. Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar, inferir etc.

Conforme a BNCC (2018), ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. E este é o propósito desta proposta, oportunizar esta experiência para que os mesmos se sintam inseridos no contexto escolar e social, e principalmente, adquiram autoconfiança na reflexão sobre a própria trajetória de vida e produção textual.

2 MEMÓRIAS E TEXTOS MEMORIALÍSTICOS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (1998) especificam o texto literário como um modo peculiar de representação e estilo, no qual predomina a força criativa da imaginação e a intenção estética. O texto literário se constitui como uma forma de mediação entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, permitindo a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis.

O passado pessoal e coletivo, com suas histórias, memórias, acontecimentos e particularidades, sempre foi uma fonte muito importante para produção literária. Contar a própria história ou fazer dela base para construção de uma obra ficcional é um exercício literário realizado por muitos autores. A narrativa do passado, seja de forma realista ou saudosista, psicológica ou sociológica, serve de excelente fonte para a leitura e produção de textos. Autores de várias épocas e estilos criaram obras memorialistas. Muitas tornaram-se clássicas, e a diversidade narrativa prova que narrar os fatos do passado pode ser bastante estimulante.

A literatura de viagens, por suas características próprias, sempre foi uma referência no gênero memorialista. Obras que relatam as aventuras e desventuras de personagens como os exploradores do início da colonização, ou mais recentemente, as memórias de antropólogos, arqueólogos, entre outros, seduziram leitores de várias partes do mundo. A literatura também utiliza a memória como inspiração. No Brasil, autores de várias épocas produziram obras marcadas pelo memorialismo. Taunay, Casimiro de Abreu, Cora Coralina, Pedro Nava, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e José Lins do Rego são alguns nomes que produziram literatura memorialista.

Nesta perspectiva, textos memorialísticos mostram uma época com base em lembranças pessoais. No texto, há liberdade para recriar as situações ou os fatos narrados para “intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 1985, p. 198). Para Benjamin (1985), ao articular o passado, não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico.

Assim, não há uma verdade a ser alcançada, mas um processo de construção/desconstrução de sentidos e significados. A realidade apenas serve de base, o acontecimento vivido é finito, porém quando é lembrado não há limites, pois o autor não retrata exatamente o que aconteceu. As memórias são construídas a partir de fatos que, em algum momento, foram esquecidos. Podem ser escritas a partir de uma vivência pessoal ou com base no depoimento de alguém. As narrativas são a materialização das lembranças e da memória. Narrar é a operação da fala, da audição, da formulação de ideias. Quando se trata de memória, o tempo da narrativa

não é cronológico, a lembrança prevalece pela intensidade de sentimentos que despertam no indivíduo, quando o passado se torna presente.

Benjamin (1985) ressalta que a narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a “mão do oleiro na argila do vaso”, revelando que a principal função da narrativa era extrair a sabedoria e a experiência de cada narrador e compartilhá-las entre as diferentes gerações, para a formação de uma experiência coletiva. A vida humana se constitui, fundamentalmente de narrativas, tanto individuais como coletivas.

Portelli (1997) observa como uma característica importante da memória é que esta não é um depósito de fatos, mas um ativo processo de criação de sentido, e, sob esse aspecto, revela como o narrador ao construir um relato memorialístico produz um sentido para o passado e para a sua vida. Assim, falar de nós mesmos, pode ser revelador, um exercício de autoconhecimento e de reconciliação com o passado e com a vida.

Desta maneira, a memória inspira, recupera a graça do tempo, devolve o entusiasmo, e também devolve não um passado, mas o que o passado prometia. O passado permite possibilidades de reconstruir as lembranças. Loraine Slomp Giron (2000), em “Da memória nasce a história” explica que, de acordo com a mitologia grega,

[...] a Memória nasce dos amores do Céu (Cronos) e da Terra (Gea), sendo ao mesmo tempo, deusa protetora da justiça e da vingança. É a memória que realiza a ligação entre o mundo real de Gea e o mundo da representação de Cronos. Da ligação de Zeus e Mnêmosis nasce Clio (a história). Filha da Memória e de Zeus, senhor do poder do Olimpo, Clio tem seu berço no cume do poder terrestre e na representação do passado [...]. (GIRON, 2000, p. 24).

Para a autora, memória e história não são sinônimos, mas estão intimamente entrelaçadas. A história é filha da memória. O conceito de memória varia com o tempo, porque memória também tem história. Bosi (2003, p. 15) ressalta que “[...] os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra”. Por isso, a memória é democrática.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Lembrar é reinventar, refazer, reviver com as possibilidades atuais as experiências do passado. “O registro de memória é um ato de escrever refletindo sobre o próprio processo histórico de constituição

de sujeito. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes que se alojam na memória”. (ORLANDI, 2015, p. 41).

Assim, a concepção de memória está intimamente ligada à produção discursiva, ao saber adquirido pela relação direta com o outro, com a história, com a cultura e a ideologia, sustentada pela linguagem, pelo dizer, e pelas diversas ações comunicativas. O discurso materializa-se nos relatos de memórias. É o registro do vivido, a preservação e ressignificação de imagens ou reconstrução da experiência humana.

Ao pensar na relação dialógica entre o leitor e a obra, acreditamos no caráter monológico do texto literário memorialista, para a concretização da proposta de leitura e escrita deste trabalho, que se revela propício ao envolvimento dos estudantes com a escrita. A recuperação de histórias para privilegiar o trabalho com adolescentes, jovens e adultos, a partir do próprio repertório, dos sentidos construídos para compreender a vida.

Existe no tempo da narrativa uma trama poética que, segundo Porto (2011, p. 202), “[...] passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro”. Essas narrativas possibilitam a existência e resistência ao esquecimento das histórias de vida pela via de textos memorialísticos. Para a autora, o fluxo desse tipo de narrativa se localiza em uma alternância sutil entre ficção e história, entre o real e imaginário, entre o natural e o maravilhoso.

A obra memorialística traz para a literatura, narrativas em que o próprio leitor passa a reconhecer histórias que se fundem com suas lembranças. Muitas reflexões poderão emergir de dentro de nós: as lembranças dos pais, dos avós, dos mestres, dos amores, das pessoas que encontraremos pelo caminho e dos companheiros de jornada, ou ainda seremos habitados pelas vozes que apropriaremos dos livros, dos personagens que conversarão conosco por uma vida inteira, “[...] as vozes dos poemas, dos poetas que capturaram em versos sentimentos que pareciam antes ser só nossos, as vozes dos autores literários que nos levarão a viver em épocas e lugares nunca antes imaginados, que nos levarão por mares nunca antes navegados”. (PORTO, 2011, p. 203).

O termo “memórias”, de acordo com a autora, passou a ser incorporado à literatura a partir do século XVIII com o nascimento do romance memorialístico. Nos séculos XIX e XX foi sendo substituído pela autobiografia. Diferenciando-se deste, o gênero memórias enfatiza na personalidade de quem as escreve, privilegia os acontecimentos narrados, apresenta como eixo temático a história da vida do autor que recorda e registra fatos de sua memória e da memória do grupo onde vive. A memória consiste em “[...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele

representa como passadas”. (LE GOFF, 1990, p. 423). Na memória de cada indivíduo, integram-se as diversas memórias dos grupos com os quais interagimos, a partir de um emaranhado de experiências dos outros.

Para Halbwachs (2003), a memória não se encontra isolada e fechada em lembranças individuais, mas em lembranças que fazem parte também da família, classe social, escola, igreja, profissão; enfim, dos grupos de convívio e referências. Na evocação do próprio passado, por exemplo, se tem a necessidade de fazer um apelo às lembranças dos outros e a pontos de referência externos, fixados pela família e pela sociedade. As lembranças seriam evocadas porque os outros, como nossos pais, amigos, até mesmo a situação presente, nos fariam lembrar. Outro aspecto importante que o autor destaca está relacionado aos lugares e relações que são construídas nos diferentes espaços onde o indivíduo e o grupo convivem. Os espaços servem de importante referência para rememorar as lembranças. Descritos em narrativas, esses espaços permitem ao leitor reviver um passado por meio do texto literário, ao resgatar imagens e acontecimentos que marcaram nossa infância, ou momentos felizes de outros tempos, através das vozes do texto, aclara Halbwachs (2003).

Malagutti (2015) enfatiza que a utilização de textos literários que tematizam lembranças de um grupo permite ao leitor se perceber durante a leitura, com a sensação de que o texto foi escrito por e para ele, possibilita a interação entre o leitor e o texto, a mobilização de conhecimentos para o preenchimento das lacunas e, conseqüentemente, a construção de sentidos do texto literário. Textos de caráter memorialístico permitem ao leitor se encontrar nas lembranças recordadas.

Santo Agostinho (1984) nas subdivisões X, XVI e XXIV da obra *Confissões* fala da memória e do esquecimento. Diz ele que “Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é possível, ao ouvir a palavra esquecimento, compreender o que ela significa, [...] conclui-se que a memória retém esquecimento”. A própria memória evoca o esquecimento. Sobre a aparente oposição, Zumthor (apud MATOS, 2018, p. 20) assevera que

Memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação, pondo em obra um outro dos valores assim designados. Por isso mesmo, volta-se ao aspecto negativo que parece implicar a seletividade das tradições; tornar-se um fator realmente positivo ao desenrolar de uma atividade fecunda. Cada discurso-cada texto, no bojo de uma continuidade sentida como homogênea, reencarna uma essência que é aquela mesma de todos os discursos - os textos que o precedem e o seguirão.

Assim, memória e esquecimento são, aparentemente, oposição. Entretanto, nas narrativas ocorre a seletividade de lembranças, fatos e passagens são muitas vezes omitidas.

Isto pode ocorrer com o indivíduo ou, até mesmo, coletivamente. Assim, a memória seleciona, rejeita, constrói e desconstrói. Ela nada mais é do que a recriação, lembrança intensa e permanente do indivíduo. A memória propicia aos educandos o empoderamento de suas histórias e por meio delas e com elas podem recriar a realidade em que vivem. É um diálogo entre o passado e o presente para que o futuro seja próspero. É a relação entre o que já foi dito, feito e vivido com aquele que será escrito, é um passado revisitado para repensar o presente e planejar o futuro. A memória é o que nos aproxima e também o que nos distancia.

2.1 Gênero Crônica

Bakhtin (1992) situa o gênero como um produto social diverso, dividido em gêneros primários e secundários. Sendo os primários constituídos em comunicação verbal não-elaborada, mais simples, vêm da convivência cotidiana e imediata. Os secundários são mais complexos, surgem nas condições de convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predomínio da escrita), se configuram como gênero e estabelecem uma relação imediata com a linguagem.

Mas o que é um gênero textual? Segundo Bakhtin (2003, p. 107), “[...] gênero é toda produção textual, seja oral ou escrita, que se baseia em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo”. No mesmo sentido, Marcuschi (2005, p. 19), afirma os gêneros textuais como “[...] entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Deste modo, os gêneros textuais surgem para atender às necessidades de comunicação das pessoas, são formas moldadas pelo contexto histórico e social das diversas esferas da comunicação humana e a dinamicidade as acompanha. Eles podem surgir, modificar e até desaparecer com o passar do tempo. A crônica é um gênero que vem se moldando conforme a mudança de contexto do mundo. Funciona como um instrumento de uso da linguagem para estabelecer a interação, porém se utiliza de uma linguagem menos formal, artística e poética, para se aproximar mais das situações do cotidiano e de seus leitores. A crônica apresenta característica contemporânea e por meio da língua revela sua visão ao sentir o mundo.

A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos” (latim), que significa “tempo”. Por isso, que uma das principais características do gênero é a contemporaneidade. Para os antigos romanos, a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido, ela foi usada nos países europeus. Teve início nos escritos medievais portugueses e passa a registrar os fatos

reais ao longo de sua evolução no tempo. Cronistas portugueses, por exemplo, relatavam as situações e temas relacionados à expansão ultramarina de Portugal a partir do século XIX.

A crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. Nessa época, importantes escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, começam a usar as crônicas para registrar de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo. É interessante observar que as primeiras crônicas brasileiras são dirigidas às mulheres e publicadas como folhetins, em geral na parte inferior da página de um jornal. A crônica evoluiu no jornal produzindo e reelaborando narrativas do dia a dia, de natureza atemporal, narra de maneira simples os fatos urbanos, e sintetiza-os com magia por meio do diálogo. Mesmo com este perfil híbrido da crônica, que situa entre jornalismo e a literatura, ela proporciona uma reflexão poética sobre os valores da existência humana.

Crônica² é um gênero de texto tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos. É um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom despojado, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido, mas humanizador. Nossas crônicas são bastante diferentes daquelas que circulam em jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país.

A crônica produzida no Brasil se ajusta à sensibilidade de todo dia, porque a linguagem utilizada fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Pode servir de caminho não apenas para a vida, mas para a literatura. Candido (1995) declara que a crônica pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeita. Logo, está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Por serem leves e acessíveis, apresentam mais do que um estudo intencional da visão humana, numa tentativa de traçar o perfil do mundo e dos homens.

Arrigucci Júnior (1987) discorre sobre a história da crônica, reafirmando as considerações apresentadas

²1-Crônicas (Gênero Literário) 2. Olimpíada de Língua Portuguesa 3. Textos I. Laginestra, Maria Aparecida. II. Pereira, Maria Imaculada. III. Série. 6ª edição, 2019.

São vários os significados da palavra crônica. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (...) de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. Assim, a princípio ela foi crônica histórica, como a medieval: uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, conforme dizem os dicionários, e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna. Tal gênero supõe uma sociedade para qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar significativamente, a História, enfim, e não apenas um tempo cíclico ou repetitivo, implicando noutra forma de narrativa – o mito (...) a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um de se inscrever a História do texto. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 51).

Segundo Arrigucci Júnior (1987), às vezes a prosa pode se tornar lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta, que mesmo com o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples. Assim é a crônica, um exemplo do nosso tempo, conta conversas, recolhe frases, observa pessoas, registra situações, tudo com uma aparente simplicidade.

Conforme Arrigucci Júnior (1987, p. 06), na crônica observamos o “Vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato, uma frase em geral curta, com preferência pela coordenação, sem temer, porém, curvas e enlances dos períodos mais longos e complicados; uma sintaxe, enfim, propiciando um ritmo de uma costura sem par na literatura contemporânea”.

A crônica, por ser um gênero singelo e despretensioso, mostra-se também, atraente e reveladora. Podendo abordar qualquer temática desde a realidade vivida até a falta de um assunto específico, sem perder a dignidade literária. Assim,

A pressa de escrever, junta-se à de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, o cronista precisa de ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua síntese lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas de língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases trouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não é meramente copiado, mas recriado. (SÁ, 1985, p. 10).

A proximidade que a crônica tem com os fatos do cotidiano e sua leveza na escrita lhe permite uma liberdade que poderia ser concebida, talvez, de jornalismo com viés literário. Para Coelho (2002), isto acontece porque

[...] a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia. Cada notícia

procura a todo custo convencer o leitor de que determinado fato é importante, é crucial. A crônica vai sempre insistir na desimportância de tudo. Em cada notícia o assunto é principal, isto é, o jornalista está mais preocupado em transmitir a informação, em servir ao seu assunto, do que em fazer literatura. Na crônica, o assunto é o de menos, e muitas vezes a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum. (COELHO, 2002, p. 156).

Sendo a crônica um gênero que tem relação com ideia de tempo e consiste no registro de tempo e de fatos do cotidiano em linguagem literária conotativa, é um gênero que pode apresentar dupla filiação, já que o tempo e o espaço permitem o tratamento literário e os temas jornalísticos. Tem do jornal a exatidão e rapidez, e da literatura, a magia e a poesia que recriam o cotidiano. Assim, o real e a ficção caminham juntos, porém o cronista age de maneira mais livre, ficando apenas na superfície dos próprios comentários, ele é o narrador e tudo que diz parece ter acontecido de fato.

Para percorrer o caminho do folhetim à crônica atual, é preciso esclarecer que a função da crônica folhetinesca (recebeu este nome, porque a princípio o jornal era conhecido como folhetim) é entreter o leitor, transformando o cotidiano da cidade em capítulos de um romance, isto é, um romance baseado nos fatos que aconteceram durante a semana, relacionados à vida política, literária e social da elite carioca do século XIX. A palavra crônica, portanto, passou a designar relato semanal e atual sobre a vida na cidade e é um comentário subjetivo sobre questões que despertam o interesse do leitor. Assim, o termo folhetinesco foi lentamente abandonado, e, no fim do século XIX, generalizou-se apenas *crônica*.

No Brasil, depois de 1860, aderiram à crônica José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompeia e, depois Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Lima Barreto, entre outros, preocupados cada vez mais em alcançar uma dimensão poética. No entanto, na maioria destes autores brasileiros de vanguarda, a crônica apresenta

Um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios de penetração e organização artística: é que nela, afloram em meio ao material do passado(...) as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 57).

A fase de esplendor na produção de crônicas, inaugurada por João do Rio (entre 1900 e 1920) se fortalece com Rubem Braga, na década de 30, seguido por Raquel de Queiróz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e outros. Mas a consolidação do gênero aconteceu no Modernismo, escola que revolucionou substancialmente

a linguagem e os temas abordados pela literatura brasileira, nas primeiras décadas do século XX, o que influenciou, decisivamente, em alguns traços a escrita da crônica literária.

Arrigucci Júnior destaca que “[...] voltada para as miudezas do cotidiano, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro dos costumes, o ridículo de cada dia e até poesia mais alta que ela chega a alcançar [...]”. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 59).

Assim, se a crônica teve sua origem na França, foi no Brasil que ela se modificou; afinal está na imprensa brasileira há aproximadamente 150 anos, via um percurso bem definido do qual absorveu predicados relevantes que a transformaram no que é atualmente. Isso explica o entusiasmo de alguns estudiosos que defendem a cidadania brasileira deste gênero, tal como cresceu entre nós. Candido (1995, p. 06) corrobora com esta ideia ao afirmar que “Até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu”. Parece não haver indícios de nada parecido em outras literaturas, salvo por influência de escritores brasileiros.

Konzen define bem esta trajetória

Tendo seu nome ligado aos escritos da Idade Média, a crônica pode ser qualificada como sendo prima do ensaio inglês e filha do folhetim francês, sendo que, a partir deste estágio, buscando inspiração nas artimanhas literárias, passa de simples amenidade sobre o cotidiano das semanas cariocas para obra relevante no universo da literatura brasileira, merecedora, assim, da reunião em antologias e da dedicação quase exclusiva por parte de alguns escritores. (KONZEN, 2002, p. 26).

Quanto à apresentação, é um texto curto de meia coluna de jornal ou de página de revista, tendo a brevidade como uma de suas principais características. Outra marca registrada da crônica é a subjetividade, que faz com que o diálogo com o leitor aconteça de maneira natural e, por ser ao mesmo tempo voltado para o cotidiano e para a reflexão do “eu”, o cronista estabelece um diálogo virtual.

O rés-do-chão é realmente o melhor lugar para a crônica. Este parece ser o principal motivo do seu sucesso: a despreensão e a simplicidade da linguagem que se aproxima do nosso modo de ser e de falar. Alguns desses textos conseguem se eternizar através das publicações em livros.

Candido observa que:

[...] a linguagem “simplória” faz com que haja maior proximidade entre as normas da língua escrita e da falada, pois o cronista elabora seu texto à semelhança de um diálogo entre ele e o leitor. Sendo assim, na crônica, como na própria língua falada, não cabe a sintaxe rebuscada, com inversões

frequentes, nem o vocabulário “opulento”, por isso, ela operou milagres de simplificação e naturalidade. (CANDIDO, 1992, p. 16).

Neste sentido, é o estilo do cronista que a sustenta; não apenas como um arranjo, mas como instrumento de uma visão de mundo. Busca-se uma aproximação da oralidade com a escrita; o coloquial e o literário se equilibram, fazendo por meio do texto escrito, com que o espontâneo e o sensível descubram outros olhares sobre o assunto, conforme ocorre nas conversas diárias. Enfim, o cronista, pode ser considerado poeta do cotidiano.

Sob esta perspectiva, Ivan Ângelo destaca que

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite. (ÂNGELO, 2016, p. 1).

Assim, a Carta de Pero Vaz de Caminha foi a primeira crônica com sentido de narração histórica, no Brasil. Era um relato cronológico feito pelos primeiros portugueses que aqui chegaram, a fim de fornecer informações sobre o novo mundo. Com o passar do tempo, a crônica passou a discorrer sobre temas do nosso cotidiano, de maneira variada, conforme o estilo do autor. Temas estes simplórios e sem importância que, nas mãos dos cronistas, têm um tratamento capaz de transmitir um colorido emocional, mostrando aos olhos do leitor uma situação comum, vista por outro ângulo, singular.

No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Usando o tom da poesia, o autor produz uma prosa poética, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao ensaio, como as de Lima Barreto; ou ser narrativas, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser engraçadas, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom sério. Outras podem ser próximas de comentários, como as crônicas esportivas ou políticas.

Sá (1985) destaca que o uso de recursos que vão do humor à poesia; da fantasia às possibilidades da língua escrita e dos recursos da oralidade; permitem que o cronista, ao identificar o circunstancial, realize, ao invés do singelo registro formal de realidade, um “comentário público” baseado, exclusivamente, no imaginário de quem escreve, “[...] tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real”. (SÁ, 1985, p. 09).

Assim, além de recriar o real a partir, justamente, do estímulo à participação, mesmo que reflexiva, daquele que lê, o cronista/narrador constrói intenso diálogo cujo resultado aparecerá na natureza do próprio texto, o equilíbrio entre o informal e o literário. Neste sentido, Jorge de Sá compara o diálogo entre leitor e autor, a partir da crônica, com

[...] nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada “circunstância” naquele sentido de um escritor que, embora não seja jornalista, precisa sobreviver – e ganha dinheiro publicando crônicas em jornais e revistas: o termo assume aqui o sentido específico de pequenos acontecimentos do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. (SÁ, 1985, p. 11).

Nesse sentido, o cronista estimula um complexo e interativo jogo de fragmentos dos acontecimentos cotidianos; da subjetividade do autor e da subjetividade do leitor. Podendo ocorrer a recriação do real, não só por meio da abordagem de temas atuais, mas também em função da habilidade do cronista em observar a vida ao seu redor e, de modo bastante singular, ampliar a capacidade de diálogo com o leitor.

Algumas vezes, a crônica parece pretender só divertir, entreter ou deixar de lado qualquer problema. No entanto, para Candido: “É curioso como ela mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas pode levar longe a crítica social”. (CANDIDO, 1995, p. 9).

Marcuschi (2008) afirma que os gêneros textuais se acham ligados às atividades humanas em todas as esferas, em alguns casos dão margens às marcas e estilos próprios em graus variáveis. E o gênero Crônica, que é filha do jornal e da era da máquina onde tudo é efêmero, com a aparente “conversa fiada” entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem e leva a uma crítica social, ou seja, aquele inesperado circunstancial que surge de repente é motivo de reflexão para voltarmos mais maduros à vida. Gênero que é considerado bem brasileiro e que não tinha inicialmente pretensão de durar, mas que permanece até hoje nos encantando com a simplicidade e brevidade das palavras dos que escrevem do simples rés-do-chão.

A crônica nos mostra que pode falar dos mais variados assuntos utilizando-se de diversos meios para conseguir o efeito que deseja. Observa-se o hibridismo desse gênero, pois podemos encontrar textos que se estruturam como diálogos, outros que se aproximam de um texto humorístico ou da anedota, os que se assemelham ao conto, ou seja, uma narrativa com certa estrutura de ficção. Ela ainda pode se aproximar de uma biografia lírica ou de uma

exposição poética. Este gênero tem a capacidade de ser o que quiser, com o intuito de não se deixar naufragar apenas no fato do cotidiano. Enfim, a crônica é um gênero especial, que com a sua simplicidade torna-se difícil de classificar e definir como detentora de determinadas características. Por isso, possui vários meios para o leitor se achegar até ela, “[...] é que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”. (CANDIDO, 1995, p. 13).

Quando se trata de crônica com o tema Memórias, para os estudantes da modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos –, favorece a produção, pois é o resultado de uma narrativa da própria experiência, é a retomada a partir de acontecimentos significativos que vêm à lembrança, fazendo deles os protagonistas, ou seja, a reafirmação da identidade e o resgate da autoestima. Evidencia sentimentos, emoções e impressões sobre acontecimentos, aparentemente banais, mas carregados de lirismo e sensações. Bauman (2003) destaca que as palavras têm significado: algumas delas, porém guardam sensações.

3 A PESQUISA: CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 Local de aplicação do Projeto

O Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA – “Cleonice Miranda da Silva” está localizado no município de Colider-MT, situado no norte do estado, a aproximadamente 650 km da capital, Cuiabá. O município possui 33.438 habitantes, conforme última estimativa do IBGE 2019, provenientes principalmente da região norte e noroeste do Paraná, Sul e Nordeste do Brasil. Situado na Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, n. 307, bairro Centro, Colider/MT, telefone (66) 3541-2672, e-mail: COL.EE.CleoniceM.Sil@educacao.mt.gov.br.

Iniciou seu atendimento à população em 1983, com a implantação do Projeto Logos II (Formação em nível de magistério para professores de 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental) com a finalidade de preparar o professor que atuava em sala de aula sem ter formação. Em 1987, passou a NES (Núcleo de Estudos Supletivos – Ensino Fundamental). Em 1988, através do Decreto n. 579 de 08/02/1988, foi denominada NEP (Núcleo de Educação Permanente).

A partir de 1994 passou a ser denominada Escola Estadual de Suplência de 1º e 2º Grau “Cleonice Miranda da Silva”, através do Decreto n. 4.324/1994. O nome “Cleonice Miranda da Silva” foi escolhido em homenagem a uma aluna que estudou em 1988 quando a escola era

denominada NEP, Núcleo de Educação Permanente. Cleonice Miranda da Silva pertencia a uma família “sem terra” que migrou de Jaciara para o assentamento na comunidade Novo México, no município de Colider e faleceu em 16/04/1988, afetada por hepatite.

A partir da Resolução n. 180/2000-CEE/MT, que fixa normas para a oferta da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino, extinguindo o ensino supletivo, a escola denominou-se Escola Estadual “Cleonice Miranda da Silva” através do Decreto n. 1.826 em D.O. de 11/10/2000; e em 2009, com a implantação do CEJA, passa a ser denominada CEJA - “Cleonice Miranda da Silva” através do Decreto n. 1.988 de 10/06/2009 e no mesmo ano é implantado o PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos) que já estava regulamentado através do Decreto n. 5.154/2004 e do Parecer n. 39/2004-CEB/CNE.

A partir do ano letivo de 2011, de acordo com a Resolução n. 003/2010-CNE e Resolução Normativa n. 005/2011- CEE/MT, o acesso aos cursos de Jovens e Adultos é restrito aos estudantes de idade superior a 15 anos completos para o Ensino Fundamental e 18 anos completos para o Ensino Médio e EMIEP (Ensino Médio Integrado à Educação Profissional). O Ensino Fundamental é composto do 1º Segmento (séries iniciais), e o 2º Segmento que corresponde aos anos finais.

Esta unidade escolar sempre atendeu a comunidade da zona rural e urbana, sendo especificamente educandos jovens e adultos. Apresenta-se como espaço para estudantes que, por diversos motivos, foram impossibilitados de estudar quando mais jovens. São, em sua maioria, trabalhadores que garantem sua subsistência, vendendo a sua força de trabalho. Esses alunos destacam-se em uma diversidade sociocultural extraordinária como é o caso do Estado de Mato Grosso, que convive com riqueza imensurável de pessoas oriundas de várias partes do país e do mundo e das sociedades indígenas, compondo uma pluralidade cultural riquíssima.

O CEJA “Cleonice Miranda da Silva” recebe alunos de níveis variados de escolaridade, sendo que muitos permaneceram distante da escola por muitos anos, e retornam em busca de aprimorar seus conhecimentos e também para socializar-se. No período matutino e vespertino existe uma especificidade, onde há jovens, adultos e idosos, sendo boa parte de senhoras, mães e donas de casa, que muitas vezes vêm acompanhadas de seus filhos, também há um número considerado de jovens de 15 a 17 anos que foram transferidos da escola com Ciclo de Formação Humana devido à idade acima de 14 anos, bem como aqueles alunos desistentes e retidos no seu processo escolar. Inclui-se, no período vespertino, alunos oriundos da zona rural, que dependem de transporte escolar para o acesso à escola. Já no período noturno, o corpo discente é caracterizado por jovens, adultos e há presença significativa de idosos.

Esta unidade de ensino funciona em prédio próprio, sendo que no bloco “A” consta (01) uma sala da direção, (01) uma secretaria, (01) sala de coordenação pedagógica, (01) uma sala de professores com um banheiro masculino e um feminino, (01) uma cantina, (07) sete salas de aula, (05) banheiros masculinos e (05) femininos com banheiros adequados a educandos Portadores de Necessidades Especiais – PNE, (01) uma cozinha com refeitório, (01) uma área de serviço anexado à cozinha, (01) um banheiro para as funcionárias que atuam na nutrição, (01) um laboratório de informática, (01) uma biblioteca, (01) sala para reuniões, palestras e estudos, (03) três laboratórios: 01 de Química, 01 de Biologia e 01 de Informática. Uma Sala ambiente de Linguagens e uma Sala ambiente de Ciências Humanas.

3.2 A pesquisa-ação como método de intervenção

Este trabalho toma como referência os pressupostos do método de pesquisa qualitativa, para compreender o comportamento de determinado grupo-alvo diante da situação proposta com a abordagem pesquisa-ação. Thiollent (2011, p. 21) assevera que:

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente a ação por parte de pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática para ser elaborada e conduzida.

A pesquisa-ação é uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente, como argumenta Thiollent (2011, p. 21) “[...] na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função do problema”, por isso, a interação entre pesquisadores e pessoas implicadas é extremamente necessária, até porque desempenham um papel ativo.

As ideias de Tripp (2005, p. 445) são oportunas visto que “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Consoante esses argumentos, os trabalhos escolares, no que tangem à leitura e à escrita, vêm passando por constantes pesquisas e grandes inovações e, conseqüentemente, cada vez mais buscam contribuir com a melhoria do ensino e da aprendizagem. Estes trabalhos estão alinhados aos pressupostos da DRC-MT quando este afirma que o currículo deve “[...] apresentar a literatura produzida em Mato Grosso como espaço identitário, em suas múltiplas manifestações culturais” (DRC-MT, 2018, p. 60). E é por isso que optamos pela obra “*Passado*

a limpo” de Icléia Rodrigues de Lima. O tema da obra são as memórias da autora em várias fases de sua vida. Julgamos que uma leitura como essa estimularia o estudante de EJA a pensar em suas memórias.

A organização das aulas do CEJA “Cleonice Miranda da Silva” é por área de conhecimento. São 05 horas aulas semanais de cada disciplina. Exemplificando: a turma do 1º ano do noturno do Ensino Fundamental II – Linguagens, tem aulas de Língua Portuguesa na segunda-feira, Arte na terça-feira, Educação Física na quarta-feira, Língua Inglesa na quinta-feira e na sexta-feira uma aula de cada disciplina da área. No noturno, as aulas têm início às 18h e término às 22h. Para a execução desta proposta estão previstas 20 horas aulas. Segue a proposta que será utilizada para contribuir com o processo de letramento literário, sendo constituída pelas seguintes etapas: a pré-textual (motivação e introdução), textual (leitura) e pós-textual (interpretação e produção).

A etapa pré-textual será dividida em dois módulos, iniciaremos com a Motivação, que será o módulo 1 (um) que terá como função principal aproximar o leitor do tema da obra, prepará-lo para recebê-la. Desta maneira, propomos aqui fazer um diagnóstico sobre o conceito que os estudantes têm da palavra “Memória” e promover um diálogo sobre estes conceitos e por fim apresentar uma definição dicionarizada do Houaiss³ da língua portuguesa. ETIM lat. *memória, a e'* memória', de *mēmōr, ōris* 'aquele que se lembra, que se recorda' memória é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”. No mesmo dicionário, encontramos para memórias: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

Para ressaltar a importância da memória, seu registro e as várias versões que uma narrativa pode apresentar do mesmo acontecimento, como atividade de expansão da motivação será exibido o filme “Narradores de Javé” filme brasileiro de 2003, dirigido por Eliane Caffé. Narradores de Javé conta a história da cidade de Javé, que será submersa pelas águas da represa de uma usina hidrelétrica, sob a justificativa do progresso. Por não possuírem registros e nem documentos das terras, os moradores não foram levados em consideração e nem possuíam o direito à indenização. Inconformados, descobrem que a cidade poderia ser preservada caso tivesse sua memória registrada, se fosse considerada um patrimônio histórico de valor comprovado em “documento científico”. Em uma assembleia, decidem escrever a “história

³ Dicionário Houaiss. Memória. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

grande de Javé”, os feitos heroicos dos antigos, a originalidade de sua formação, lembranças e histórias de luta do povo. Assim, acreditam salvar Javé das águas.

Para tanto, empenham-se em construir a história da cidade, entretanto, quase ninguém sabia ler e apenas um morador, o carteiro Antônio Biá, sabia escrever. Posto isto, o que acontece é que, em meio a confusões e peripécias, todos começam a narrar suas próprias histórias de vida naquele lugar, recheadas de memórias e experiências para que suas histórias de vida fizessem parte da história da cidade contada no livro que viria a ter uma importância comparada ao *status* canônico. Depois de exibido o filme, planejamos uma discussão com as seguintes abordagens: formação cultural de um povo, heranças históricas, crenças e valores, oposição entre memória, história, verdade e invenção, importância da oralidade na construção científica, dimensão da escrita e da fala, e confronto entre o progresso e as tradições do vilarejo.

Dialogar sobre o filme e provocar uma discussão sobre “poder” da escrita. Debater sobre os principais pontos do filme, observado pelos estudantes. Perguntas que nortearão o debate: Por que, para os personagens do filme, era importante resgatar a memória e escrever a História daquele vilarejo? Comente um pouco sobre a relação entre o progresso e o patrimônio histórico. Como você considera a importância da memória para uma sociedade? Por que existem várias versões para a origem da cidade de Javé? Qual você considera a mais convincente e por quê? Quais as principais diferenças entre narrativas orais e narrativas escritas? Serão utilizadas 04 (quatro) horas/aulas para a realização deste módulo.

No Módulo 2 (dois) será a introdução sobre a apresentação da obra a ser lida. Aqui os estudantes terão o primeiro contato com a obra física “Passado a limpo” (Crônicas) de Icléia Rodrigues de Lima (1968), que faz parte da literatura produzida em Mato Grosso. Faremos uma breve apresentação da biografia da autora e chamaremos a atenção dos estudantes para o fato de que a escritora veio de um outro estado, assim como muitos de nós e, que no decorrer da leitura do texto, poderão se identificar, em muitos momentos, com os relatos da escritora. Todos esses motivos justificam a escolha desta obra. Espera-se que os estudantes recebam positivamente a obra, afinal este é o objetivo deste módulo que é a introdução. Será utilizada 01 (uma) hora aula.

Na etapa Textual ocorrerá o momento da Leitura, que será dividida em dois módulos, como sugere Cosson (2019) para textos curtos. O objetivo deste momento será propiciar aos estudantes a compreensão da linguagem utilizada em textos literários, identificar os recursos linguísticos que caracterizam as intenções da autora para se voltar ao passado, além de reconhecer a ideia central, a fim de melhorar o processo de compreensão e interpretação. A escola não tem livros para todos os estudantes, logo os alunos receberão os textos “O bolo da

caixa azul” e “As brevidades de Rita Vaz Pinto” (anexo) digitados para a aplicação do Módulo 1 (um), a fim de realizarem todas as atividades propostas nesta sequência. Primeiro acontece a leitura de reconhecimento, a ser feita silenciosamente. Em seguida, a leitura expressiva será feita pela professora, pois conhece bem o texto e tem condições de realizá-la com qualidade, mas sempre convidando os estudantes a participarem da leitura também.

Após a leitura, é pertinente indagar sobre o entendimento das palavras, recursos linguísticos utilizados no texto de memórias e provocar os estudantes a respeito de suas próprias memórias no tema central dos textos lidos. Assim, o estudante poderá se comparar, se espelhar, ver a sua vida na do outro que narra as memórias, os estudantes serão estimulados a registrar as impressões pessoais que tiveram com a leitura destes textos. O objetivo é incentivá-los a escrever sobre si, pois todos têm capacidades e algo para contar, mesmo que haja variações entre as pessoas. Para iniciar a produção de suas memórias, tendo os dois textos como inspiração, pediremos aos alunos para contarem sobre uma situação que vivenciaram parecida com os textos. No Módulo 2 (dois) será realizado o mesmo procedimento com os textos “Check-ups de ontem e piriris de hoje” e “Bom Jesus de Cuiabá”.

A etapa Pós-leitura, contempla a interpretação e produção, é o quarto e último passo desta sequência. Conforme Cosson (2019), para o cenário do letramento literário é importante pensar a interpretação em dois momentos: um momento interior que é a decifração do texto, o encontro do leitor com o texto e o momento exterior que é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção da produção escrita.

Assim, espera-se que os estudantes percebam como os textos foram construídos e acionem o modo de ler contexto-leitor, que para Cosson (2019), ganha concreticidade quando o leitor consegue identificar algo que viveu ou que conhece da experiência de sua família, a fim de proporcionar um outro olhar daquela experiência recriada na obra. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura é um processo íntimo e pessoal do leitor. Para o segundo momento, que é a hora de externalizar a interpretação, os estudantes já terão produções escritas inspiradas nas crônicas que foram lidas nos módulos anteriores. Mesmo assim, iremos propor a produção escrita de um texto de memórias com a chegada dos estudantes a Colider/MT, pois alguns chegaram há muito tempo e outros nem tanto, logo temos uma diversidade de informações preciosas que poderão contribuir com a formação das identidades do povo colidense. Nestes textos, deverão narrar o que viram, o que sentiram, os medos, os sonhos, as expectativas. Como podemos perceber na crônica utilizada na proposta e nas palavras de Icléia Rodrigues de Lima (2018, p. 74).

“No centro, na Praça da República, o Correio tinha algo mais importante ao lado da catedral, que ainda era, com a Praça Alencastro, lugar de mais gente para rezas e passeios. Cuiabanos compravam no entorno, em lojas e boutiques como a Porão, a Prado, a Casa Alberto...”.

Desta maneira, almejamos que os estudantes evoquem suas memórias, se reportem aos gostos, cheiros e sensações, a fim de contá-las com o olhar do presente.

A professora fará as orientações necessárias para a produção destes textos, que terá o seguinte comando de produção: 1 – Retomar a leitura da crônica Bom Jesus de Cuiabá para observar sentimentos, emoções e impressões da chegada da escritora em Cuiabá. 2 – Como narradora descreve os lugares? 3 – Vocês conseguem se transportar para a Cuiabá que a narradora descreve? 4 – Como foi a sua chegada a Colider? 5 – Assim como a escritora Icléia Rodrigues de Lima, escreva as memórias de sua chegada em Colider. Na sequência da produção escrita, a professora observará os textos, para possíveis adequações, observando adequação ao gênero/discursiva, marcas de autoria, adequação linguística. Será utilizado o Bilhete Orientador que será entregue aos estudantes que apontará as fortalezas e fragilidades do texto para aprimoramento da reescrita.

Para encerrar a proposta, será promovido um momento de socialização de todas as memórias produzidas com todos os alunos da turma. Pois, partilhar memórias nos propicia refletir sobre a vida e contribui para nos tornarmos mais humanos. Na sequência, iniciaremos a digitação dos textos no laboratório da Unidade Escolar para a produção da “Coletânea de Memórias”. A fim de proporcionar aos estudantes deste Centro de EJA a oportunidade de partilhar suas memórias, relembrar os costumes de cada família, refletir sobre o papel da memória para conhecer e reconhecer histórias pessoais, estabelecer um diálogo entre texto/leitor e leitor consigo mesmo em busca de respostas às questões humanas, além de melhorar a produção escrita e leitora, valorizar o conhecimento de vida e elevar a estima. Assim, os textos serão editados e serão disponibilizados na versão impressa e *online*, no *site*⁴ da escola, com objetivo de facilitar o acesso ao material que será produzido pelos participantes da pesquisa. Após a edição e publicação dos textos será realizado um “Sarau” que terá como ápice o lançamento da coletânea e apresentação dos escritores.

3.3 O livro *Passado a limpo* de Icléia Rodrigues de Lima

⁴ Centro de Educação de Jovens e Adultos “Cleonice Miranda da Silva”. Disponível em: <<https://cejacolider.wixsite.com/cejacolider>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

A obra *Passado a limpo* é parte de uma edição especial que inaugura as Coleções Literárias Carandá (prosa) e Olho d'água (poesia), em comemoração aos 20 anos da Carlini & Caniato, editora dedicada, principalmente, à Literatura produzida em Mato Grosso. Composta por 43 crônicas da escritora Icléia Rodrigues de Lima, primeira edição publicada em 2018. Todos os módulos deste trabalho serão desenvolvidos com algumas crônicas desta obra. Icléia Rodrigues de Lima é graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás – UFGO – (1968), Mestra em Filosofia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas – FGV-RJ – (1981) e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP/USP – (1992). Foi professora do Curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT –, dos Programas de Mestrado em Educação da UFMT e da Universidade Estadual de Londrina – UEL – e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT). Autora da obra *Passado a limpo*, que narra suas memórias em cada fase da vida, são crônicas que têm um fundo de humor, mas que também propiciam reflexões. Os textos selecionados visam auxiliar os estudantes a conhecerem produções literárias de viés memorialístico para se inspirarem e refletirem sobre a própria história de vida e para que estes estudantes trouxessem, para esse momento, conversas interiores que os ajudassem na construção dos sentidos dos textos.

O primeiro texto a ser trabalhado será a crônica “O bolo da caixa azul” que apresenta o início dos apelos publicitários e seus *jingles* e como tudo isso deixava a todos encantados, pois, mesmo que não adquirissem os produtos, passavam o dia cantarolando as músicas que embalavam as propagandas. A narradora, encantou-se com a propaganda de um produto que não sabia bem o que era. Viu o anúncio em uma revista, que fora trazida da casa dos seus bisavós maternos. Era uma linda moça, com vestido rodado, salto alto e sorridente conduzindo um prato com um bolo com três crianças alegres indo atrás dela. E com letras grandes a frase “Ela é moderna; ela sabe viver!” Na parte inferior, uma caixa azul de papelão. Não havia muita relação da frase com a imagem, menos ainda com a inscrição na caixa – *Modess*. Dias depois foi a um empório com o pai e, para sua surpresa, topou com uma pilha de caixas como aquelas do anúncio. Sentiu o gosto do bolo e o desejo de ser linda, feliz e moderna como a mulher da revista. Em voz alta pediu para o pai comprar o “bolo” e o pai veementemente a mandou calar a boca. A narradora faz uma reflexão sobre a educação que recebeu sobre os segredos do corpo humano.

Na sequência teremos “As brevidades de Rita Vaz Pinto”. Neste texto a narradora evoca os cenários da infância, um pouco da rotina da família e principalmente os cheiros e sabores que a avó paterna lhe proporcionara. Relata que a avó era extremamente econômica, quase tudo

o que consumia vinha do quintal, sempre muito cuidadosa com a qualidade, mas evitava o desperdício. Tudo simples, porém, muito bem feito. Não gostava de hóspedes, quando chegava alguma carta de algum irmão com filhos ou achegos, ela rapidamente, pedia ao parente para enviar a passagem, pois havia planejado ir para capital naquele mesmo período, assim ela aproveitava e visitava a todos. O que separava a narradora da avó era apenas um muro, sempre esteve muito próxima dos cheiros que emanavam do fogão dela. Mas havia um bolo que era muito especial, era feito aos domingos, a avó diria que era bom, porque gastava pouco, os nutricionistas “modernos” diriam que é bom, porque não tem lactose nem glúten, nem gordura. Era a brevidade. Havia todo um ritual de preparação deste bolo que era servido com chá de erva-doce ou um café novíssimo.

No texto “Check-ups de ontem e piriris de hoje”, a narradora destaca a sabedoria popular ao tratar de doenças com chás, tabletes e conservas, que foram se findando com as finadas. Dona Dalma, mãe da narradora, era especialista em tratar o que não estava bem e contava com a ajuda das mais “eradas” e pós-graduadas em “Sensocomunologia” e tinham receitas e tratamentos infalíveis e respeitáveis, que tinham como base o bom e sagrado mel de jataí, aliás não podia faltar em nenhuma casa. Porém havia um dia do ano que as crianças não gostavam não. Eram convocadas a comer os “tabletes” especiais e finalizavam o dia com o famigerado piriri.

Em “Bom Jesus de Cuiabá”, a narradora narra sua chegada a Cuiabá-Mato Grosso, na década de 70, com calor de 40 graus. Foi marcante sua ida à sorveteria com o melhor sorvete de laranja e de bocaiúva. Faz uma apresentação da capital para os leitores, uma época que os meninos juntavam pepitas de ouro em vidrinhos, havia paralelepípedos da Getúlio Vargas e lá já estava o “alegre” e hoje barulhento Choppão. Assim, a narradora segue descrevendo o que viu e sentiu na sua nova morada.

4 O PROCESSO E OS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Contexto

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso com o Parecer n. 3.904.057, no dia 08 de março de 2020. A intervenção estava prevista para ter início em 08 de abril de 2020, entretanto, no dia 11 de março a Organização Mundial da Saúde – OMS reconheceu a pandemia da COVID-19, doença causada pelo coronavírus, denominada SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. No Brasil e no mundo houve uma mudança de comportamento, para que houvesse um controle na disseminação do vírus. Desta maneira, o isolamento social e a proibição de aglomeração de pessoas foram as principais medidas adotadas para evitar a contaminação. Ou seja, suspensão de eventos esportivos, missas, cultos, festas, shows; fechamento de bares, clubes e escolas. Assim, a sociedade passou a viver em um outro mundo, com novos hábitos.

Diante deste cenário, com as escolas fechadas e sem previsão de retorno, foi preciso reorganizar a aplicação da proposta, para que a mesma fosse realizada com qualidade, segurança, e à distância, de modo que os alunos tivessem acesso, porque, caso contrário, o protagonismo perderia o sentido. Destarte, optou-se pelo modo assíncrono, que oferece maior liberdade para os alunos, pois permite que os indivíduos desenvolvam o aprendizado de acordo com o seu tempo, horário e local preferido. Afinal, o momento é de transição, porque deixamos o ambiente escolar, que era exclusivo de aprendizagem e partimos para a ambiente casa, que comporta outros indivíduos, outros contextos, e, porque não, outras prioridades, por isso, a empatia, o cuidado, o respeito e a paciência foram extremamente importantes naquele momento.

Assim, optou-se pela utilização do aplicativo *WhatsApp*, que é um **software** para **smartphones** utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente; além de vídeos, fotos e áudios, através de uma conexão com a *internet*, sendo este, o aplicativo mais utilizado pelos estudantes. Com autorização da equipe gestora, criamos um grupo como nome “Coletânea de Memórias” e adicionamos todos os alunos matriculados no primeiro ano do segundo segmento do CEJA para o ano letivo de 2020, através das informações cedidas pela secretaria da unidade escolar.

Figura 1. Imagem do grupo de WhatsApp ‘Coletânea de Memórias’⁵.



Fonte: A autora, 2020.

Foram adicionados aproximadamente quarenta alunos no grupo de *WhatsApp*. Assim, no dia 17 de junho de 2020, iniciamos a intervenção, com um vídeo do Diretor do CEJA, professor Cláudio Scalon, destacando o apoio da instituição ao projeto e também a importância da participação dos estudantes. Na sequência, postamos um vídeo de acolhida para os estudantes, contendo explicações sobre o projeto.

Além do cenário da pandemia, tivemos um outro e grande desafio, que foi a resistência dos estudantes em participar das atividades *online*, pois a referência de escola que possuem é

⁵ A foto de perfil do grupo, é a capa do livro da escritora Icléia Rodrigues de Lima, obra que inspirou neste projeto.

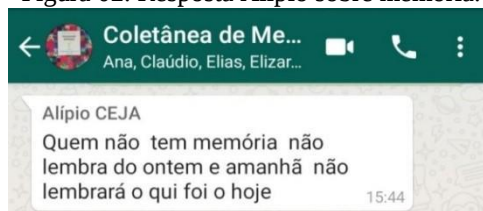
da aula presencial, além da interação com professores e colegas. Também houve muita dificuldade de acesso em plataformas. Todos têm acesso à internet, que faz parte do plano que pagam para uso da linha do celular, porém é limitada, por isso, evitamos o envio de vídeos, considerando ainda que, a maioria dos estudantes de EJA, são mães e pais, que precisam compartilhar o uso do celular com os filhos para a realização das atividades escolares deles.

4.2 Aplicação

Iniciamos o primeiro momento com a etapa pré-textual, dividida em dois módulos. O Módulo 1(um), que teve como função principal aproximar o leitor do tema da obra, prepará-lo para recebê-la. Desta maneira, nos propusemos a fazer um diagnóstico sobre o conceito que os estudantes têm da palavra “Memória” e promovemos um diálogo provocando uma tempestade de ideias com a palavra, que será evocada a todo momento durante a aplicação da proposta. Os alunos foram apresentando os conceitos que tinham a respeito, alguns por escrito e outros por áudio.

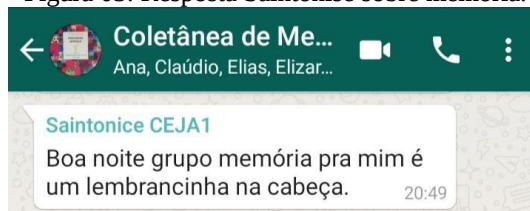
Dessa maneira, destacaram que é o que já viveram, lembranças e que, quando se recordam, sentem as mesmas sensações; imagens, lembranças, recordação, grandes momentos que vivenciamos, retenção de acontecimentos; (tipo um arquivo de computador); depósito de informações; é tudo onde está guardado o que já vivemos; caixinha onde está guardado tudo que vivenciamos; lembrancinha na cabeça; é o que constrói a nossa história no presente, experiências vividas, imagens, relatos, recordações, relembrar o passado distante e viver as coisas boas dele no presente; resultado de experiências já vividas; o que já foi vivido faz parte da construção da nossa história. Segue abaixo uma amostra dos dizeres dos estudantes.

Figura 02. Resposta Alípio sobre memória.



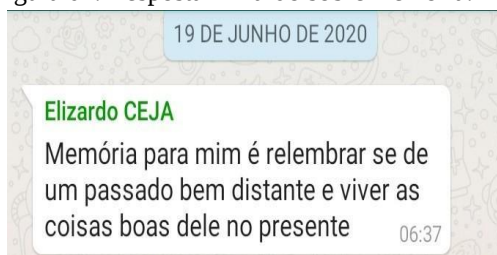
Fonte: A autora, 2020.

Figura 03: Resposta Saintonise sobre memória.



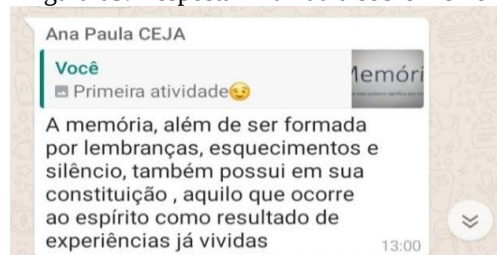
Fonte: A autora, 2020.

Figura 04. Resposta Elizardo sobre memória.



Fonte: A autora, 2020.

Figura 05. Resposta Ana Paula sobre memória.



Fonte: A autora, 2020.

Assim, é possível perceber que os estudantes, cada um ao seu modo, demonstraram possuir um conceito sobre memória que contempla os teóricos citados anteriormente a respeito deste termo. Diante disso, não apresentamos o conceito dicionarizado, conforme proposto inicialmente. Vale destacar que, para a realização deste módulo, utilizamos, quatro dias. Informamos também que foi enviada mensagem no privado dos estudantes, convidando-os para a participação. Nesta configuração de atendimento assíncrono, não há rigidez nos horários e os alunos realizavam as atividades conforme sua disponibilidade de tempo.

Para ressaltar a importância da memória, seu registro e as várias versões que uma narrativa pode apresentar do mesmo acontecimento, como atividade de expansão da motivação, no Módulo 1 (um) seria exibido o filme “Narradores de Javé”, filme brasileiro de 2003, dirigido por Eliane Caffé, o qual conta a história da cidade de Javé que será submersa pelas águas da represa de uma usina hidrelétrica sob a justificativa do progresso. Por não possuírem registros e nem documentos das terras, os moradores não foram levados em consideração e nem possuíam o direito à indenização.

Infelizmente, esta atividade não pode ser realizada porque a aplicação foi feita à distância e nem todos tinham condições de assistir em casa, como foi proposto. Oferecemos para eles o *pen-drive* com o arquivo do filme, entretanto, os alunos justificaram que, em casa, não conseguem ter tempo porque ampliou a carga horária de trabalho, falta de concentração para assistir “a filmes da escola” e em alguns casos residências muito pequenas; disseram também que ficaria difícil sem a presença da professora, para auxiliar na compreensão do filme. Como já mencionamos anteriormente, o contexto casa não é exclusivo de aprendizagem como o ambiente da escola. Os estudantes assumem outras identidades no contexto casa, como pais e mães de família, cuidadores dos pais, avós e netos, e fica difícil se organizarem, como estudantes que são, para executarem atividades escolares em casa. Sendo assim, fomos para o próximo passo da nossa aplicação.

Cosson (2019) ressalta que ouvir a respeito da obra e visualizá-la serve de referência e posteriormente, poderá passar a fazer parte das escolhas de leitura do aluno. Nessa perspectiva, no Módulo 3 (três) foi realizada a introdução, o momento de apresentação da obra a ser lida.

Os estudantes tiveram o segundo contato visual com a obra “*Passado a limpo*” (Crônicas) de Icléia Rodrigues de Lima (1968). Este primeiro contato aconteceu quando foi utilizada a imagem do livro no perfil do grupo, que faz parte da literatura produzida em Mato Grosso. Apresentamos a organização da obra, editora e coleção. Foi feita uma breve apresentação da biografia da autora e destacamos que ela veio de um outro estado, assim como

muitos de nós e, que, no decorrer da leitura do texto, poderiam se identificar em muitos momentos com os relatos da escritora. Os textos foram selecionados para que auxiliassem os alunos a refletir sobre a própria história de vida e para que trouxessem, para esse momento, conversas interiores que os ajudassem na construção dos sentidos dos textos. Todos esses motivos justificaram a escolha desta obra. Os estudantes receberam positivamente a obra e demonstraram surpresa por ser escrita por alguém tão próximo da realidade e ainda estar viva, pois a referência que tinham era de que a literatura era produzida apenas em grandes centros, principalmente no sudeste do país, e os escritores, inclusive, já haviam morrido. Seguem algumas transcrições:

Tabela 01. Fala dos estudantes sobre a escritora Icléia Rodrigues de Lima.

Aluno 1	<i>A escritora mora em Cuiabá?!</i>
Aluno 2	<i>Gostei muito do livro, seria bom se um dia a gente pudesse ler inteiro.</i>
Aluno 3	<i>Nunca imaginei que tinha escritores em Mato Grosso! Achei que tinha só em São Paulo e Rio de Janeiro.</i>
Aluno 4	<i>E tá viva ainda!</i>

Fonte: A autora, 2020.

Percebemos que temos um longo caminho pela frente na divulgação, apreciação e exploração da literatura produzida em Mato Grosso nas nossas escolas.

Figura 06. Apresentação da obra *Passado a limpo* de Icléia Rodrigues de Lima.

Nosso trabalho será baseado no livro "Passado a limpo" 12:42 ✓

Obra: *Passado a limpo*-Icleia Rodrigues de Lima



- 43 crônicas
- narra suas memórias em cada fase da vida, são crônicas que tem um fundo de humor, mas que também propiciam reflexões.
- é graduada em Letras pela UFGD (1968), Mestra em Filosofia da Educação pela FGV-RJ (1981) e Doutora em Educação pela FUSP/USP (1992). Foi professora do Curso de Graduação em Letras da UFMT, dos Programas de Mestrado em Educação da UFMT e da UEL e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT).

12:48

Fonte: A autora, 2020.

Figura 07. Imagem de Icléia Rodrigues de Lima.



Fonte: A autora, 2020.

Na sequência, iniciamos a etapa Textual, o momento da Leitura, que foi dividida em dois módulos com dois textos em cada um, como sugere Cosson (2019) para textos curtos. O objetivo deste momento foi propiciar aos estudantes a compreensão da linguagem utilizada em textos literários, identificar os recursos linguísticos que caracterizam as intenções da personagem para se voltar ao passado, além de reconhecer a ideia central, a fim de melhorar o processo de compreensão e interpretação. O primeiro texto trabalhado foi a crônica “O bolo da caixa azul” (anexo). A personagem faz uma reflexão sobre a influência dos anúncios publicitários e o mal-entendido que um determinado anúncio lhe causou, destacando a educação que recebeu sobre os segredos do corpo humano. O texto foi postado em *Word* no grupo para a aplicação do Módulo 1(um), a fim de realizarem todas as atividades propostas nesta sequência. Primeiramente, via áudio, conversamos sobre o título, se tinham um palpite sobre qual seria o assunto da memória que a autora iria contar. Os alunos arriscaram dizendo, em áudios, que provavelmente, seria uma lembrança sobre confeitaria, aniversário, receitas, presente, etc, conforme transcrições:

Tabela 02. Inferências dos estudantes sobre o assunto da crônica “O bolo da caixa azul”.

Aluno 1	<i>Acho que é sobre um bolo que foi comprado e chegou em uma caixa azul</i>
Aluno 2	<i>Uma receita de bolo.</i>
Aluno 3	<i>Alguém ganhou um bolo de presente em uma caixa azul.</i>
Aluno 4	<i>Uma festa de aniversário, em que bolo chegou em uma caixa azul</i>

Fonte: A autora, 2020.

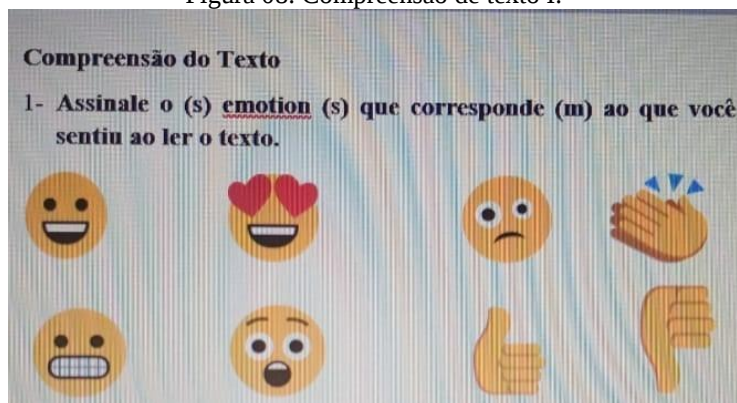
De acordo com os pressupostos de Cosson (2019), é extremamente importante preparar o aluno para entrar no texto; e também Solé (1998) destaca a necessidade de se estabelecer previsões antes de iniciar a leitura. Ou seja, ativar os conhecimentos prévios dos estudantes. Fizemos a leitura via áudio, e veio a surpresa do assunto recordado, o bolo existiu apenas na imaginação da personagem, porque na verdade, era uma caixa de absorvente da marca *Modess*, como na caixa a moça segurava um pedaço de bolo, a personagem imaginou que havia bolo dentro da linda caixa azul.

Assim, fizemos a leitura que, para Cosson (2019), é chamada de expressiva quando é realizada pela professora, que conhece bem o texto e têm condições de realizá-la com qualidade. Em seguida, indagamos sobre o entendimento das palavras, porque reconhecer os recursos linguísticos ajuda a reconhecer o gênero e a linguagem que são utilizados no texto de memórias, é importante ressaltar que a autora evidencia em sua obra o vocabulário peculiar do interior de Goiás (seu estado natal), que foi percebido pelos estudantes. Alguns exemplos: “Por volta dos 10 anos, os meus e os de outras crianças *catalanas* dos anos 50, *topamos* com os *apelos* das propagandas”. (LIMA, 2018, p. 16); “Elas chegavam através do *chamariz* dos anúncios bem ilustrados, dos jingles que se ouviam e repetiam dos programas”. (LIMA, 2018, p. 16); “Já havia o Guaraná Champagne desde 1921, mas uma certa musiquinha *novidadeira* quis criar uma enorme curiosidade acerca de uma nova bebida de uva”. (LIMA, 2018, p. 16); “Dias depois de ter visto este anúncio, fui com meu pai a um *empório* a loja do Ly de Araújo *prelibando* um gosto de bolo, chamei meu pai, apontando a pilha e com voz alta”. (LIMA, 2018, p. 18); “[...] não soube falar comigo do *acometimento* daquele meu corpo de filha. *Apenasmente* me trouxe um dicionário que me pôs no colo, aberto numa página de palavras”. (LIMA, 2018, p. 19).

Esclarecimentos feitos no tocante ao vocabulário, criamos um clima propício e provocamos os estudantes a respeito de suas próprias memórias sobre propagandas, *jingles*, novidades e sobre os segredos do corpo. Assim, o estudante pôde se comparar, se espelhar, ver a sua vida na do outro que narrou as memórias. Alguns alunos solicitaram o material impresso,

justificando que a letra no celular é muito pequena e que compreende melhor com o material em mãos. Agendamos um horário na escola e fizemos a entrega a dois estudantes, seguindo todos os protocolos de segurança. Dos quarenta estudantes adicionados ao grupo, muitos já saíram, mas seguimos com as atividades. Para as abordagens e indagações feitas até então, são utilizados o áudio e ficamos aguardando o retorno dos alunos.

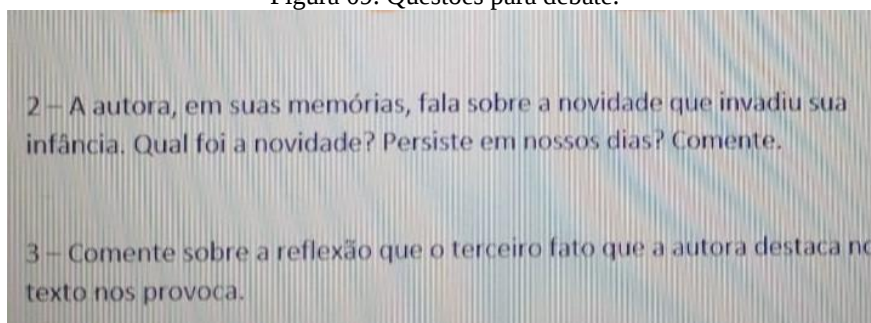
Figura 08. Compreensão de texto I.



Fonte: A autora, 2020.

Nesta proposta, procuramos contemplar os pressupostos teóricos de Rouxel (2013a), da Leitura Subjetiva, ou ainda cursiva, onde o leitor/estudante tem liberdade de expressar seus sentimentos. É uma interpretação global do texto, considerada uma leitura individual/particular/autônoma. Nas atividades seguintes, privilegiamos a Leitura Analítica (Rouxel, 2012), pois acreditamos que haja questões que auxiliem os estudantes a compreender o texto, interpretá-lo e refletir sobre o tema.

Figura 09. Questões para debate.



Fonte: A autora, 2020.

Para finalizar o trabalho com este texto, os alunos foram estimulados a registrar uma situação parecida que tenha vivenciado na infância, já iniciando a produção de suas memórias, que serão analisados no próximo capítulo. Todos os módulos da Etapa Textual (Leitura) têm a proposta chamada “Agora é com você”. As produções resultaram na publicação de uma coletânea chamada de *Tecendo Memórias*.

Figura 10. Agora é com você.

4 – Agora é com você :  Escreva um texto, entre 15 e 30 linhas, narrando uma situação parecida com o texto que você leu, que envolveu a influência das propagandas.

Fonte: A autora, 2020.

Passaram-se 05 (cinco) dias e nenhum aluno deu retorno das atividades propostas, nem chamou para tirar dúvidas, então enviamos mensagens para todos os membros do grupo, a fim de auxiliá-los. Alguns retornaram justificando a falta de tempo, outros pediram para enviar diretamente para eles, porque não estavam conseguindo acompanhar as postagens no grupo, pois alguns colegas postavam muitas informações paralelas, então enviamos os textos, bem como os áudios, com as indagações e explicações necessárias. A partir deste momento, decidimos enviar as postagens no grupo e no *WhatsApp* particular de cada aluno, para não deixar ninguém constrangido. Como todo planejamento, à medida que as atividades foram sendo realizadas, foi preciso revê-las e adequá-las às reais situações.

Depois de 10 (dez) dias da postagem da atividade e mensagens diárias com lembretes, recebemos o retorno de dois alunos, conforme imagem, registrando suas impressões sobre o texto. O Aluno 1 faz uma relação com os aspectos da vida simples e tempos de sua própria história.

Figura 11. Respostas dos estudantes. Aluno 1.

Assinale o (s) emotion (s) que corresponde (m) ao que você sentiu ao ler o texto.

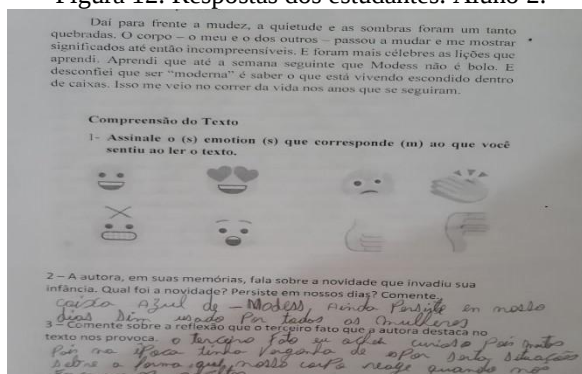
Comentário questão - 2
A 1ª novidade que existe é faz um tanto mágico ter visto, foi a geladeira antiga. Quando meu pai chegou nos primeiros dias para que entraria a caixa grande e de cor bege. E nos dias de hoje é essencial.

Comentário 3ª fase!
A autora destaca e nos faz lembrar de - Como eram as atitudes das pessoas velhas (ADULTOS DA ÉPOCA), os pais não tinham muito conhecimento, novidades eram mesmo a novidade que se comemorava - Até na natal, a tal novidade. Quando crianças perguntam algo de curioso em determinado local era de uma forma mais que vergamosse para situação de não ter informações sobre tal assunto.

Fonte: A autora, 2020.

Para o Aluno 2, o destaque do texto foi a maneira como as mudanças no corpo eram tratadas de forma vergonhosa e cheias de pudor, conforme o registro de suas impressões nas atividades.

Figura 12. Respostas dos estudantes. Aluno 2.



Fonte: A autora, 2020.

O texto literário permitiu a diversidade de possíveis sentidos que podemos construir com ele, bem como a função humanizadora da literatura ao nos proporcionar o exercício da reflexão, o afinamento das emoções e a capacidade de penetrar nos problemas da vida por meio do texto, principalmente, os textos de caráter memorialístico. Cada aluno imprimiu sua impressão, conforme o contexto, as condições de produção e recepção de cada um. Conforme postula Rouxel “[...] é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir”. (ROUXEL, 2012, p. 272).

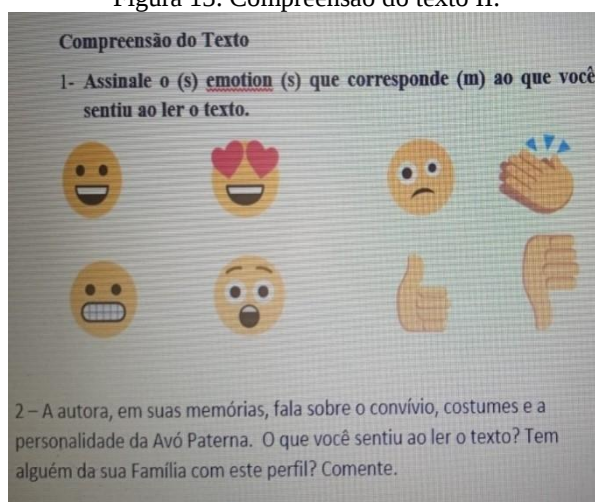
Um fato que chamou a atenção, foi que não houve nenhum retorno de estudante do sexo feminino, fato este que pode evidenciar a “vergonha” de se tocar no assunto conforme declarou o Aluno 2. Sabemos, também, da dificuldade de criar uma rotina de estudos dentro de casa, pois vivemos em um mundo patriarcal, onde os afazeres domésticos e educação dos filhos são responsabilidades das mulheres. Vale destacar que, além destas responsabilidades, a maioria trabalha fora de casa também para auxiliar nas despesas e há situações em que são chefes de família responsáveis em sustentar a casa.

Na sequência, trabalhamos o segundo texto do Módulo 1, “As brevidades de Rita Vaz Pinto” (anexo). Iniciamos com áudio indagando sobre o título, se seria possível arriscar um palpite sobre o tema da crônica. Perguntei se sabiam o que é brevidade. Apenas duas alunas participaram respondendo que conheciam “brevidade” e que é algo de comer, porém difícil de se acertar o ponto. Fizemos a postagem do texto, a leitura pausadamente, para que ao ouvirem pudessem fazer a imersão no texto, visualizarem e sentirem as impressões da personagem, recompor a cena e sentirem o aroma do café ou chá de erva-doce que eram servidos com a

brevidade. Relembrar costumes e momentos com integrantes da família, nos tempos de infância é sempre bom e podemos perceber nossa história na do outro que narrou. Porém, os estudantes seguem em silêncio no grupo. Apresentamos as atividades propostas e as orientações para a produção. O vocabulário utilizado pela personagem, mais uma vez se destaca. Auxiliamos os estudantes na compreensão das palavras em destaque: “[...] quando fritava o alho para assustar a couve para *guarnecer* o tutu, às vezes para mexer com torresmo”. (LIMA, 2018, p. 36); “*Cá comigo*, sempre achei que ela não gostava mesmo era de gastar e ter trabalhos com as *comezainas*”. (LIMA, 2018, p. 37); “[...] com filhos e *achegos*, ela muito depressa pedia ao parente que fizesse o favor de mandar a passagem para ela, que estava de cálculo de ir à capital, para ver a *familhama* inteira e não só o mano!”. (LIMA, 2018, p. 37).

Uma aluna solicitou o material impresso, agendamos um horário na escola e fizemos a entrega, dentro dos protocolos de segurança.

Figura 13. Compreensão do texto II.

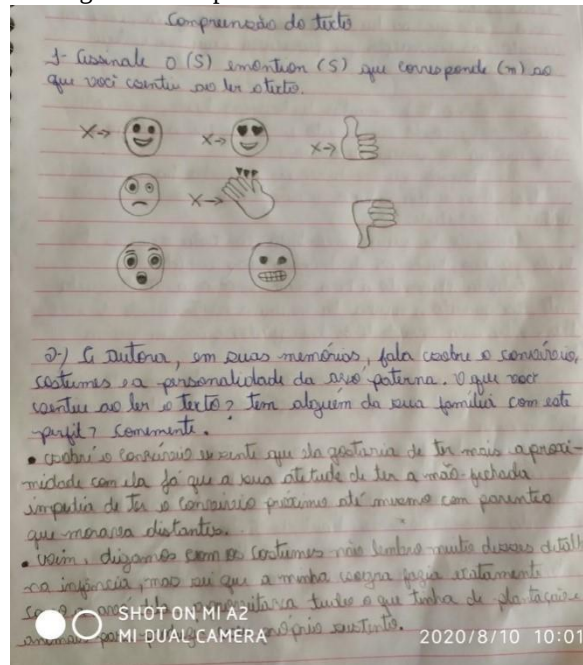


Fonte: A autora, 2020.

Como já mencionado anteriormente, os textos, atividades, orientações etc. são postados no grupo e enviados no *WhatsApp* particular de todos os alunos que permaneceram no grupo, mesmo com todos esses mecanismos, as respostas são ínfimas. Acreditamos que este silêncio dos estudantes foi resultado deste novo momento que estamos vivendo que é a pandemia, é uma metodologia muito diferente do que estavam acostumados, tudo que é novo causa estranhamento e o processo de aceitação é lento. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, na maioria, são bem sistemáticos, então foi preciso um longo período para conquistar a confiança deles a distância, para poderem se abrir. Reforçamos que, de acordo com depoimento de alguns alunos, há dificuldade em ajustar uma rotina de estudos em casa.

Segue a atividade desenvolvida pela Aluna 3, a única que deu retorno do texto 2 do Módulo 1.

Figura 14. Respostas dos estudantes. Aluna 3.



Fonte: A autora, 2020.

As impressões registradas pela Aluna 3 sobre o texto são positivas, a mesma destaca que a narradora gostaria de ser mais próxima da avó. Esta foi a percepção que a Aluna 3 teve, além de dizer que não se lembra de detalhes da infância. No registro, a lembrança da sogra tem o mesmo perfil da avó do texto. Podemos dizer que, neste momento, a Aluna 3 incorporou a identidade de nora e não de neta como a personagem no texto. Mesmo não estando fisicamente na escola, a Aluna experimentou uma de suas identidades, pois é no espaço da escola que o estudante experimenta suas várias identidades. Ou seja, ela imprimiu uma subjetividade, onde nem imaginávamos, por isso, nossa memória pessoal tem uma dimensão afetiva, que pode ressurgir com a leitura, confirmando Rouxel (2012) ao dizer que o leitor participa ativamente do acabamento do texto.

O primeiro texto do Módulo 2 da Etapa Textual (Leitura) foi a crônica “Bom Jesus de Cuiabá” (anexo), neste, a personagem narra sua chegada a Cuiabá, MT, na década de 70, com calor de 40 graus. Foi marcante sua ida à sorveteria com o melhor sorvete de laranja e de bocaiúva. Faz uma apresentação da capital para os leitores, uma época que os meninos juntavam pepitas de ouro em vidrinhos, havia paralelepípedos da Getúlio Vargas e lá já estava o “alegre” e hoje barulhento Choppão. Assim, segue descrevendo o que viu e sentiu na sua nova morada. Antes de apresentar o texto, apresentamos o título, no entanto, não houve retorno. Então,

perguntamos, via áudio, se conheciam Cuiabá, três alunos disseram que não, outros dois disseram ter passado em viagem, apenas na rodoviária e outros, na estrada que desvia da cidade e um diz ter ido à Cuiabá, para tratamento de saúde. Destas respostas, algumas foram postadas no grupo e outras no particular. Enviamos o texto e o áudio com a leitura, como a narradora cita o tradicional Restaurante Choppão, apresentamos uma imagem dele, que segue firme há mais de quarenta anos na cidade.

Figura 15. Restaurante Choppão, Cuiabá, Mato Grosso.



Fonte: Facebook do restaurante.

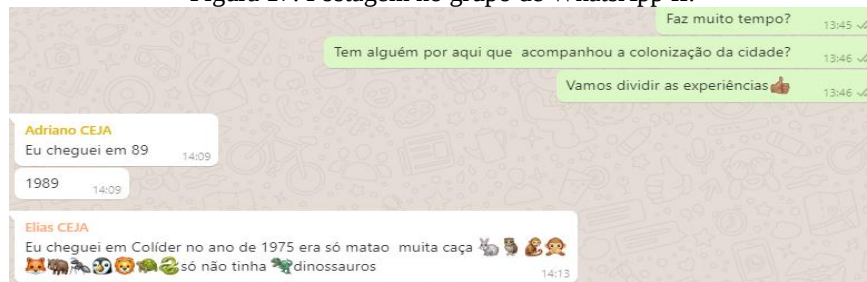
Finalizada a leitura, indagamos sobre as expectativas que criamos, quando vamos iniciar uma nova etapa na nossa vida. A simplicidade dos fatos recordados, carregado de subjetividade, nos permitiu sentir, junto com a narradora, as impressões e sensações daquele novo lugar. E começamos a perguntar: o texto lhe despertou alguma lembrança? De uma nova etapa, ciclo na vida? O texto literário, principalmente, os de caráter memorialístico, no proporciona vivenciar outros tempos e relembrar histórias passadas. E começamos a indagar, quando veio para Colider? Por que Colider? Veio sozinho(a) ou com a família? Como foi a viagem? O que trouxe na “bagagem”? A palavra bagagem utilizada no sentido figurado, gerou uma certa confusão, porque temos no grupo uma aluna haitiana e esta linguagem, às vezes, fica difícil para ela compreender, pois tem a Língua Portuguesa como um segundo idioma.

Figura 16. Postagem no grupo de WhatsApp I.



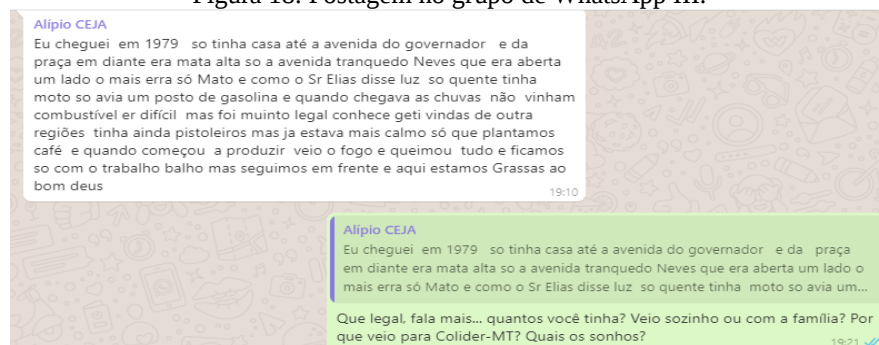
Fonte: A autora, 2020.

Figura 17. Postagem no grupo de WhatsApp II.



Fonte: A autora, 2020.

Figura 18. Postagem no grupo de WhatsApp III.



Fonte: A autora, 2020.

O texto ‘Bom Jesus de Cuiabá’ foi muito significativo para os alunos, consideramos ter sido o texto que mais gostaram, pois, o retorno foi mais rápido e a quantidade de participação também. Acreditamos ter sido a memória da narradora que fez com que muitos se reconhecessem na história, e ficou estabelecido um diálogo entre texto/leitor. Conforme, Zilberman (1990), o texto literário introduz o leitor em um universo que, embora distante da sua realidade (Cuiabá), permite refletir sobre sua vida e incorporar novas histórias.

Figura 19. Compreensão de texto III.

Compreensão do Texto

1- Assinale o (s) emotion (s) que corresponde (m) ao que você sentiu ao ler o texto.











2 – A autora, em suas memórias, narra a sua chegada a Cuiabá. E você, há quanto tempo mora em Colider? Vivia em Mato Grosso ou outro estado?

Fonte: A autora, 2020.

Seguimos com as atividades para o texto, porém não houve retorno escrito, apenas por áudio. Abaixo, dois depoimentos de alunos que narram acontecimentos e trajetórias de vida lembradas, inspirados na narrativa da personagem. Observamos que a Aluna 08, em sua narrativa, tinha apenas 05 anos e faz de maneira sintetizada a trajetória de sua vida.

Tabela 03. Depoimento de estudantes. Aluna 08.

Vimos de Ubatã no Paraná, somos em 12 irmãos, eu tinha 05 anos morávamos na zona rural da cidade. Aos 17 anos mudei para a cidade, já tem 27 que moro aqui, sinto que sou filha de Colider, afinal minha história começa aqui, aprendi a ler e escrever, meu primeiro voto. Muito feliz por estar aqui, porque é uma cidade muito boa. Vivi, aprendi e vi muita coisa por aqui. Trabalhei e trabalho muito. Acompanhei de perto todo o desenvolvimento da nossa cidade. Me casei duas vezes, hoje vivo apenas com meu filho. Acredito em dias melhores para esta cidade que acolheu a mim e minha família.

Fonte: A autora, 2020.

O Aluno 09 era um bebê, logo sua narrativa foi construída a partir de histórias que ouviu durante toda a vida, pois a memória está inerente ao cotidiano, elas foram absorvidas por ele, assim percebemos que cada um utiliza a memória de acordo com suas estratégias.

Tabela 04. Depoimento de estudantes. Aluno 09.

Faz muitos anos, quando meu pai veio do estado do Paraná para Colider, eu era um bebê, tinha em torno de 8 meses. O ano era 1973, não existia Colider, o que tinha era um picadão na mata que chegava até as proximidades do Rio do Meio. Estavam aqui, apenas os primeiros que vieram e acamparam neste lugar e meu pai foi um deles. Destes muitos já morreram. Não se sabia ao certo onde seria Colider, o que se sabia é que a gente tava perto de realizar um grande sonho. Começar uma nova cidade cheia de oportunidades. Meu pai era cozinheiro e acompanhava atentamente os trabalhos dos picadeiros, que são as pessoas que abrem picadas (caminhos) no meio da mata. Era muita mata, bichos das mais variadas espécies, e também, muita chuva, os rios transbordavam e havia muita fartura de peixes. Não existia as facilidades e mordomias de cidade por aqui. Porém, todos estavam tão animados pelo objetivo maior, que o pouco recurso que havia não fazia diferença.

Fonte: a autora, 2020.

Vale destacar que quando os alunos escreveram esses depoimentos, as escolas do estado de Mato Grosso iniciavam atendimento não presencial, logo os estudantes estavam recebendo atividades de todas as disciplinas, por isso, cobramos apenas a produção textual por escrito. Diante do contexto, optamos por encerrar o módulo com este texto, deixando o texto “Check-ups de ontem e piriris de hoje”, para uma outra oportunidade. Estas medidas foram necessárias, porque respeitamos o momento diferente que estamos vivendo e os estudantes estavam muito confusos com a chegada de outros professores, outras atividades. Concluímos a aplicação no dia 04 de setembro de 2020 com a participação efetiva de sete alunos, que, mesmo diante deste cenário de pandemia, acreditaram no projeto e nos oportunizaram conhecer parte de suas memórias.

Todas as crônicas memorialísticas produzidas pelos estudantes/autores foram revisadas e enviadas para a editora, a fim de cumprir todos os protocolos até a publicação da coletânea.

Sendo assim, no dia 15 de janeiro de 2021, promovemos uma reunião na escola, seguindo todos os protocolos de biossegurança, com o objetivo de apresentar a coletânea para a comunidade escolar. Como não podíamos ter muitas pessoas no ambiente, contamos com a participação da imprensa local, que contribuiu muito para a divulgação e valorização do resultado final desta pesquisa interventiva.

Apresentamos aqui, algumas imagens e manchetes da divulgação do livro. O *link* para acesso ao conteúdo, na íntegra, encontra-se no apêndice desta dissertação.

Figura 20. Divulgação do resultado do Projeto Tecendo Memórias I.



Fonte: A autora, 2020.

Figura 21. Divulgação do resultado do Projeto Tecendo Memórias II.



Fonte: A autora, 2020.

Figura 22. Divulgação do resultado do Projeto Tecendo Memórias III.



Fonte: A autora, 2020.

Este momento também marcou o último registro de uma atividade desenvolvida no Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA – de Colider, pois, por uma política de governo, todos os Centros de EJA do estado de Mato Grosso foram fechados e os estudantes remanejados para outras unidades escolares que manifestassem interesse em atender a EJA.

4.3 Análise da produção escrita

A proposta de intervenção descrita no capítulo anterior e os resultados alcançados pelos alunos mediante as estratégias utilizadas em cada módulo foram reunidos em um livro intitulado “Tecendo Memórias”. Todos os textos lidos apresentavam uma proposta chamada “Agora é com você ”, a fim de que o aluno produzisse uma crônica sobre a memória despertada pelo texto lido. Afinal, a narrativa é a materialização da memória. Nesse espaço, os estudantes trouxeram para os textos suas experiências de vida, desta maneira, o passado se torna presente pela memória.

No Módulo 1, da Etapa Textual, o primeiro texto a ser trabalhado foi “O bolo da caixa azul”, a partir desta leitura os alunos evocaram suas memórias.

Figura 23. Produção textual da estudante 01.

A CHEGADA DO NOVO

Lá pelos meus 7 a 8 anos de idade, morávamos meus pais e meus quatro irmãos, em um sítio na Comunidade Bolichão. Certa vez, meus pais ouviram no rádio o anúncio de um objeto chamado geladeira a gás. E depois disso, eu meus irmãos, ouvíamos várias vezes pai e mãe conversando sobre este objeto. Ficamos curiosos em saber o que seria esta tal geladeira a gás? De uma coisa eu tinha certeza, era um objeto de muito valor, lembro que meu pai vendeu, na época, seis cabeças de gado para adquirir a tal geladeira a gás.

Quando chegou esta novidade em casa, ficamos apreensivos, era uma caixa grande e bege. E dentro estava ela, a geladeira a gás. Foi retirada da caixa com todo cuidado e admiração, abriu-se a porta e dentro havia várias repartições para acomodar os alimentos. Mas como isto iria funcionar? A imaginação corria solta.

Até então, em datas especiais, tomávamos um refrigerante chamado Tubaina gelada no sereno. E a partir de agora, era a geladeira a gás que iria deixar nossa bebida preferida gelada. E o grande momento chegou, meu pai ligou a geladeira, não saímos de casa, ficamos lá admirando aquele objeto e esperando para ver o que iria acontecer. Levamos muitas broncas da minha mãe, porque não saíamos de perto da geladeira até que, ela nos prometeu que assim que tivesse alguma coisa gelada nos chamaria. Diante da promessa, e das broncas, saímos para brincar, mas ansiosos em ouvir o chamado de minha mãe. A geladeira a gás que chegou em nossa casa, foi motivo de muito falatório na região, afinal de contas era um objeto revolucionário.

Passou um tempo, que parecia uma eternidade, ouvimos o chamado tão esperado de minha mãe, a Tubaina estava gelada. Fomos tomá-la, quantos risos naquele momento, ríamos muito, uma sensação que jamais irei sentir novamente, minha bebida preferida estava mais saborosa e gelada, um sabor mágico.

Fonte: Estudante 01.

Figura 24. Produção textual do estudante 02.

A vida da gente

Na minha infância, nos meus 9 a 10 anos, o sonho de consumo das crianças, dos meninos principalmente, eram bola ou bicicleta. As propagandas das gomas de mascar ou chicletes nos encantavam, porque ao comprá-las você ganhava uma revistinha com imagens de bolas, bicicletas e outros brinquedos, todas em quadrinhos para preencher com figurinhas e quando preenchia o objeto com as figurinhas você poderia ganhar o brinquedo preenchido. E onde conseguir as figurinhas? Nos chicletes vinham as figurinhas para você preencher a revistinha.

Eu sonhava com uma bola ou bicicleta, e comprava os chicletes, sempre na esperança de preencher a figura dela. Gastava todas as moedinhas que meu pai me dava para comprar os chicletes, abri-los e pegar a figurinha para preencher a revistinha, era uma expectativa muito grande cada vez que se abria um chiclete, pois poderia ser aquele dia que finalmente eu conseguiria meu objeto de desejo, já até imaginava como seria: ao abrir a revista lá estaria a única figurinha que faltava, ia pular e gritar muito. Então iria correr para a venda do Sr. Ângelo buscar minha bicicleta e voltaria para casa todo feliz, pedalando e meus amigos correndo atrás de mim. Ah, que sensação maravilhosa. Meu pai ia ficar numa alegria só, porque ele sabia o quanto eu queria este prêmio e ao anoitecer, ela seria colocada ao lado da minha cama, para eu dormir ao lado do meu sonho concretizado. Na verdade, este dia não chegou, mas a possibilidade de ter este sonho realizado me motivou por um bom tempo a adquirir chicletes.

Fonte: Estudante 02.

Os textos foram produzidos por estudantes do sexo masculino, que moravam na zona rural de Colider e trazem para o texto elementos que fizeram parte das experiências concretas de vida. A chegada da geladeira a gás, um eletrodoméstico tão comum nos dias atuais, mas foi marcante a chegada dela na família da personagem. No segundo texto, a bola e a bicicleta, eram o sonho de consumo daquela geração, que utilizava o preenchimento de álbuns de figurinhas para grande conquista. As narrativas evidenciam que a literatura nos propicia vivenciar e recriar acontecimentos, sentimentos e emoções, registrar e recuperar memórias e experiências pelas palavras e pelo sentimento de existência.

Figura 25. Produção textual da estudante 03.

Entre Luzes e encantos

Tenho muitas lembranças boas da minha infância. Mas algo que me recordo com muito carinho, foi a primeira vez que fui a um parque de diversões.

Quem me levou foi minha Tia, que mesmo depois de um dia de trabalho cansativo, não mediu esforços, para que este passeio se realizasse, e viemos do sítio até a cidade.

Quando chegamos, fiquei encantada com tudo o que vi, as luzes coloridas, as pessoas alegres, barracas de comidas e brinquedos.

De repente, o momento mais emocionante da noite chegou, minha tia me deu a oportunidade de escolher um brinquedo para brincar, e eu com imensa alegria apontei para a roda gigante, toda iluminada, colorida e o maior brinquedo do parque, a imponência dela me encantava. Minha Tia ficou assustada com minha escolha, porque ela mesma tinha medo, mas precisou me acompanhar e superou o medo, foram momentos mágicos. Em seguida, brinquei em outros brinquedos, comi maçã do amor e o mais legal foi um anel que minha Tia comprou pra mim. Porque sempre que olhava pra ele, me lembrava de tudo que senti e vivi naquela noite especial.

Fonte: Estudante 03.

A leitura do texto fez com que a Estudante 03 revivesse lembranças do passado via imagens fundadas na memória pessoal, quando relata o passeio a um parque de diversões, no momento que descreve *as luzes coloridas, pessoas alegres*, nos transporta junto com ela para aquele lugar encantador. Conforme Malagutti (2015, p. 57), “[...] o trabalho educativo com o texto literário, passa portanto, pela subjetividade do leitor, quando esse traz para a leitura da obra a sua representação de mundo e o coloca em um papel ativo”.

No Módulo 2, o texto lido foi “Bom Jesus de Cuiabá”, que, além do prazer e dos conhecimentos que a sua leitura pode proporcionar, também serviu para evocar as memórias dos estudantes sobre a chegada deles a Colider. Foi um momento muito rico, porque cada um imprimiu suas experiências singulares no texto produzido. A subjetividade presente em cada produção representa a experiência de leitores empíricos ao trazerem para o texto suas experiências de vida. Vamos aos textos:

Figura 26. Produção textual do estudante Elizardo – Módulo 2.

A cidade cresce e os rios têm sede

Elizardo Joviano da Silva

Faz muitos anos, quando meu pai veio do estado do Paraná para Colider, eu era um bebê, tinha em torno de 8 meses. O ano era 1973, não existia Colider, o que tinha era um picadão na mata que chegava até as proximidades do Rio do Meio. Estavam aqui, apenas os primeiros que vieram acamparam neste lugar e meu pai foi um deles. Destes muitos já morreram. Não se sabia ao certo onde seria Colider, o que se sabia é que estávamos prestes a realizar um grande sonho, começar uma nova cidade cheia de oportunidades. Meu pai era cozinheiro e acompanhava atentamente os trabalhos dos picadeiros, que são as pessoas que abrem picadas (caminhos) no meio da mata. Era muita mata, bichos das mais variadas espécies, e também, muita chuva, os rios transbordavam e havia muita fartura de peixes. Não existia as facilidades e mordomias de cidade por aqui. Porém, todos estavam tão motivados pelo objetivo maior, que o pouco recurso que havia não fazia diferença.

Um tempo depois, conseguiu-se localizar onde seria a tão sonhada cidade de Colider e finalmente abriu a primeira rua e aos poucos foram se instalando as primeiras famílias, mercearias e a primeira farmácia. Próximo ao Lago dos Pioneiros, no rio Jaracatiá, que hoje agoniza, ficavam os jagunços acompanhando toda a movimentação de chegada de pessoas que vinham de todas as partes do Brasil, com objetivo de conquistar uma vida melhor neste município promissor. Mas aqui o trabalho era árduo, meu pai já perdeu plantações inteiras de arroz, algumas vezes porque a chuva não deixava realizar a colheita e outras porque não tinha como transportar para outro lugar.

Hoje fico pensando nos momentos difíceis que passamos na nossa chegada, sobrevivemos e seguimos nossa vida, mas o que me marcou e me lembro com saudade é a fartura de peixes e bichos que encontrávamos e que imaginávamos que nunca iria acabar. Mas a cidade foi crescendo, e com isso muitas pessoas chegando, construções, derrubadas, caçadas, e a natureza foi sufocada com o avanço do progresso.

Fonte: Elizardo Joviano da Silva, 2020.

O estudante inicia o texto utilizando uma expressão temporal que nos remete ao passado. O pronome possessivo *meu pai* já nos apresenta a primeira personagem da narrativa e o uso do pronome em primeira pessoa nos esclarece que temos um narrador-personagem num texto confessional como são as memórias. Assim, segue a narrativa com referências de como era vida no início da colonização. “*Eu era um bebê*” aqui nosso personagem evidencia que incorporou as histórias que ouviu à sua história.

A memória individual se mistura à memória coletiva, porque o estudante fala sobre a colonização do município, um processo vivenciado por muita gente. No texto, temos as impressões do nosso narrador, reconstituída pelas memórias da lida diária dos adultos, da qual as crianças participavam cheias de expectativas e desafios. No último parágrafo, o estudante faz uma reflexão sobre a redução da diversidade da fauna/flora causada pelo progresso e desmatamento, tendo uma visão voltada para a preservação do meio ambiente.

No próximo texto, o estudante Elias faz uma narrativa de um período próximo ao narrado por Elizardo, porém, cada personagem apresenta sua própria subjetividade.

Figura 27. Produção textual do estudante Elias – Módulo 2.

Dias de luta, dias de glória

Elias Pinheiro dos Santos

O ano era 1975, eu tinha apenas 04 anos de idade, minha mãe havia falecido um ano antes, então meu pai decidiu mudar para o Mato Grosso, porque a conversa que corria no Paraná era de que aqui, é muito fácil adquirir terra. Viemos em uma kombi, juntamente com nossa mobília e a de outra família. Fomos morar em um barracão de lona, vivíamos com muito pouco, mas tenho lembranças de muita alegria daquele período, nossa propriedade ficava próxima da ponte do Rio Carapá, rio que hoje agoniza, era uma época de muita chuva, muitas vezes chovia por 30 dias sem parar e a cheia do rio provocava enchentes, que alagavam toda nossa chácara, para mim e meus irmãos era tudo festa, mas hoje entendo a expressão de desespero que meu pai tinha na época.

Era um período em que Colider, estava iniciando sua colonização e havia muitos jagunços por aqui, chefiados pelo Sr. Loro e Sr. Francisco e o ponto de parada deles era próximo a nossa casa. Chegavam em jipes e já sabíamos quem era e avisávamos nosso pai, ele sempre tentava amenizar a situação, dizendo que eram os tios trabalhadores da região, mas os próprios jagunços gostavam de ser reconhecidos como tal. Nunca fizeram mal pra nós, inclusive davam balas e doces para as crianças da redondeza. Fazia parte da nossa rotina a chegada dos jagunços na propriedade e na sequência o tiroteio. A gente não sabia se atiravam em animais ou gente, mas ficávamos todos quietos dentro de casa.

A cidade tinha apenas a avenida Marechal Rondon, a energia era de motor gerador que era desligado às 22h. A cidade era cercada por mata fechada, havia muita onça e também o tatu canastro, que hoje está em extinção, alguns chegavam a pesar 90kg.

Depois de algum tempo, meu pai comprou outra propriedade na Comunidade Jacutinga, quando fomos para a escola. Minhas professoras foram D. Elza Suniga e depois D. Odila aprendi a ler com elas. Onde é a loja da Honda hoje, tinha uma banca de revistas e lá meu pai, que não sabia ler, comprava uns livrinhos com as histórias de João Grilo, e a alegria dele era ouvir as histórias sendo contada por mim e meus irmãos. Sempre moramos na zona rural da cidade. Foram tempos difíceis, mas que deixaram boas lembranças na memória e no coração.

Fonte: Elias Pinheiro dos Santos, 2020.

O estudante Elias inicia sua narrativa, nos localizando no tempo e justificando o motivo da vinda para Colider e as dificuldades. Entretanto, destaca que era um período de alegrias e descobertas. Faz referência sobre o excesso de chuvas e animais que havia na região. Menciona os jagunços, a lembrança das primeiras professoras na escola rural e da alegria do pai, quando ele e os irmãos liam as histórias de João Grilo. Percebemos que a leitura de narrativas advindas de contos orais esteve presente na vida desse estudante. Podemos dizer que nos textos de Elias e Elizardo temos o que se conhece como memória vivida por tabela, situações que não vivemos, mas que já ouvimos falar e conseguimos visualizar a cena.

Posteriormente, temos uma personagem, que inicia uma narrativa de memória, na qual se apresenta de maneira delicada e simples, uma criança que vivia na zona rural da cidade. No decorrer da narrativa, percebemos o crescimento da personagem que se transforma em uma matriarca forte e determinada. Representa a mulher, trabalhadora, mãe de família, estudante e sonhadora.

Figura 28. Produção textual da estudante Rosenilda – Módulo 2.

Pedacinhos de mim

Rosenilda da Silva Lobato

Eu e minha família morávamos em Guarantã do Norte, que era uma região de garimpo, perdi meu irmão mais velho lá, e meu pai decidiu que deveríamos deixar aquele lugar por não ser apropriado para nós, pois éramos em doze crianças e era uma região violenta e de muita malária. Então, no ano de 1989 mudamos para Colider, eu tinha 10 anos. Chegamos à noite e junto com a luz do luar estava nossa esperança por uma vida melhor, fomos morar em um sítio, a 40km da cidade. Eu nem vinha na cidade era só minha mãe e o meu pai, porque era muito difícil ir até lá, não tinha ônibus, tinha que ir de caminhão, por isso eu e meus irmãos ficávamos em casa, e quando chovia a água passava por cima da ponte. Às vezes, era preciso voltar para casa caminhando.

Certa vez, viemos para a cidade em um evento muito especial, o rodeio, e ainda teve o show de Leandro e Leonardo, que dia especial foi aquele. Foram dias de espera, a escolha da roupa e a ansiedade tomou conta de mim. E foi uma noite linda e marcante, é certo que era tudo muito precário, mas nem isso tirou o encantamento daquele momento.

E o tempo passou, namorei, casei, mudei pra Santa Catarina, voltei pra Colider e neste retorno, em um momento complicado da minha vida tive, a oportunidade de trabalhar em uma cozinha de lanchonete, desenvolvi uma habilidade que nem imaginava que tivesse, fazer lanches e aprimorar meu modo de cozinhar. Tive mais algumas experiências de trabalho em cozinhas. Fiquei desempregada e agora com a ajuda dos meus quatro filhos, montei um delivery de lanches e tenho como meta abrir um restaurante aqui, pois é um lugar bom de viver e tenho fé de que irei conseguir.

Fonte: Rosenilda da Silva Lobato, 2020.

No texto seguinte, a estudante Ana vive em Colider a realização de um sonho, o casamento. É visível em suas memórias o desejo de concretizá-lo, a busca pela afetividade. A narradora destaca que rompeu com a família para a realização do sonho, assumiu o controle da própria vida com o propósito de viver um grande amor, quando ela mesma diz “o coração cheio de esperança” seria o renascimento de uma nova vida. Assim, ao narrar sua memória, Ana faz com que, nós, leitores, tenhamos as mesmas impressões vividas por ela, atribui sentido aos acontecimentos e ao tempo vivido. É importante ressaltar que a palavra recordar tem origem latina (re: de retornar; cor: de coração) exprime a imagem do retorno pelo coração, e só retorna pelo coração tudo aquilo que nos marcou profundamente.

Esta narrativa vem carregada de encantamento e diferencia-se das demais, porque a narradora veio por desejo próprio que envolvia a afetividade. Diferentemente dos colegas que vieram para Colider, em busca de oportunidade de trabalho e outros vieram ainda bebês. Desta maneira, pessoas tão diversas “narram-se” a sua maneira e vão registrando a chegada ao município com uma bagagem, que vai além de pertences pessoais, uma bagagem cheia de sonho e esperança.

Figura 29. Produção textual da estudante Ana – Módulo 2.

Por amor...**Ana Josina de Melo**

Eu morava em Taiobeiras, uma cidade localizada ao norte de Minas Gerais, passava os dias ajudando e cuidando da minha Mãe. Em um sábado do ano de 2013, fui visitar meu sobrinho em Pintado, pois ele havia me dito que iria me apresentar o tio da esposa dele, que estava procurando uma namorada, fiquei interessada e ao chegar lá, veio um homem abrir o portão, que fez meu coração disparar, pensei é ele. E era mesmo, Agenor, fiquei encantada, mas triste ao mesmo tempo, porque ele morava muito longe, em Colider no Mato Grosso. Conversamos muito e percebi que ele também ficou interessado em mim. No dia seguinte, Agenor foi até minha casa me pedir em casamento, mas minha mãe não deixou, dizendo que era muito longe e que ela me queria perto dela. Agenor voltou para Mato Grosso, eu decidi que queria morar com ele. Juntei dinheiro suficiente para a passagem e para a viagem e fugi, porque eu queria realizar meu sonho de ter um marido, uma casa, enfim uma família. Comprei uma passagem até Salinas e outra de Salinas para Cuiabá. Trazia algumas roupas e um pouco de dinheiro, mas o coração cheio de esperança para a minha nova vida.

Em Cuiabá, Agenor estava me esperando viemos até Sinop de ônibus e pra chegar em Colider viemos de carro, porém a estrada estava bloqueada por um movimento dos Sem-terra. Tive que fingir que estava doente para conseguir chegar em Colider. O nervosismo e a ansiedade tomavam conta de mim, eu estava prestes a realizar meu grande sonho de ter um esposo, uma casa e uma família, mas será que iria dar certo? Deixei meus pais em Minas chateados comigo, será que fiz a melhor escolha? Depois de uma viagem cansativa chegamos, fui muito bem recebida pelos filhos de Agenor. Depois de quatro anos, fui visitar minha mãe, que hoje, entende que eu precisava viver esta experiência. Estamos casados há alguns anos, voltei a estudar e vamos vivendo um dia de cada vez.

Fonte: Ana Josina de Melo, 2020.

Para a produção do texto seguinte, contamos com o auxílio da Professora Docente do Projeto “Educação para Imigrantes”, pois a estudante Saintonise é haitiana e a língua portuguesa é seu segundo idioma. Quando chegou no CEJA, ela frequentou a turma do Projeto, que preparava os imigrantes para ingressarem nas turmas comuns. Hoje, está matriculada no primeiro ano do segundo segmento e por isso foi convidada para participar deste projeto. Por vir de outra cultura, a memória de Saintonise funciona como um pêndulo com o lá e o aqui, causado pelo deslocamento. Em suas memórias, a estudante evidencia o desejo de uma vida melhor, por isso mudou-se para o Brasil, porque, pelas informações que são reveladas pela narradora, o cenário por lá não está muito bom. É interessante quando a narradora destaca que por aqui “todos” trabalham, pois lá onde morava, ela nos deixa a impressão, de que apenas os homens são responsáveis pelo sustento da família.

Saintonise dá voz a muitas outras pessoas que deixaram seus países de origem em busca de oportunidades, em outro país. Deixar a família, raízes e cultura é muito delicado, é preciso ser forte. Nossa narradora relata as dificuldades que enfrentou e ainda enfrenta, mas segue firme em seu propósito. Pois tem uma escola e uma igreja que a acolheram de braços abertos. Aqui fica o registro de duas instituições (escola e igreja) que contribuem para a inserção da imigrante na nova cultura, no novo lugar.

Figura 30. Produção textual da estudante Saintonise – Módulo 2.

Em Busca de Dias Melhores**Saintonise Alneus**

Eu sou Saintonice, morava em Custine, uma vila rural, a cerca de 5 km ao norte da região sul de Cavaillon no Haiti. Cerca de 15.000 pessoas vivem lá. Greater Custine possui 1 escola frequentada por 232 alunos. É uma escola católica que cobra entre US \$ 60,00 e 90,00 EUA / ano, sem incluir livros, uniformes, sapatos ou taxas especiais. Meus parentes moram todos lá, mãe, irmãos, sobrinhos, cunhados, tios e tias. O Haiti é um país maravilhoso, tem muitos lugares bonitos e outros nem tanto.

Meu sonho era vir para o Brasil, que é um país acolhedor e cheio de oportunidades. Smith, meu namorado veio primeiro, e conseguiu um trabalho na JBS Curtumes de Colider-Mato Grosso, depois me ajudou, para que eu viesse também. Minha viagem foi muito triste, tive depressão, porque deixei toda minha família, minha história e minhas raízes lá. Pra chegar aqui, foram dois dias de avião. Mas fiquei firme, pois a situação exigiu que eu fosse forte para realizar meu sonho de morar no Brasil e poder ajudar os que ficaram, porque a situação não está boa por lá.

Percebi que aqui no Brasil, todas as pessoas trabalham para ajudar no sustento da família, homens, mulheres, jovens e até idosos. No Haiti não é assim, acho que deve ser porque lá, a maioria das oportunidades são para trabalhos braçais.

A vida por aqui, não está sendo fácil, cheguei em 2017 e não consegui um trabalho com registro. Mas consegui fazer amigos, frequento uma escola e a igreja que me acolheram muito bem, e minha filha nasceu nesta terra. Não penso em viver em outro lugar, só saio daqui se não conseguir serviço, porém tenho fé, de que vou conseguir realizar meu sonho que é ter um emprego de carteira assinada, uma casa, um carro e viajar para outro país.

Fonte: Saintonise Alneus, 2020.

A atividade de produção escrita, desenvolvida nesta proposta, não teve como objetivo transformar os estudantes em exímios escritores, mas sim, incentivá-los a escrever sobre si, pois todos têm algo muito importante para contar, partilhar experiências, etc. mesmo que de modo subjetivo. Esta atividade pode levar à desconstrução daquele conceito de que escritores são pessoas iluminadas pela escrita. Paulino e Cosson (2009, p. 72) corroboram quando dizem que “[...] a escrita de textos literários é recusada sobre o pretexto de que não é função da escola formar escritores, enquadrando-se a questão dentro de uma visão romântica de dom e talento natural”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o ambiente ideal para um ensino significativo, envolvente e motivador que gera conhecimento, recupera ou desenvolve valores e atitudes. Destarte, questões como identidade, experiências pessoais, histórias de vida diversificadas e situações problemas advindas do cotidiano devem contemplar o projeto educativo que abarca esta modalidade de ensino. Falar de si possibilita ao estudante de EJA, que é uma modalidade tão marcada pela falta, momentos para que se “vejam” como sujeitos e tenham voz, voz esta que normalmente é silenciada. Assim, este projeto proposto foi pensado para dar voz a pessoas comuns, trabalhadoras e que travam uma luta diária em busca de uma vida melhor para si e para os seus.

A seleção de textos da literatura produzida em Mato Grosso e a temática acerca de memórias contribuíram para evocar lembranças e sentimentos favoráveis à criação de interesses. Solé (1998) afirma que uma atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses do leitor.

A conclusão da pesquisa permite-nos tecer algumas considerações sobre os resultados alcançados. Inicialmente é preciso destacar que o trabalho realizado permitiu uma reflexão sobre nossa prática pedagógica, de forma que pudemos reavaliar nossa atuação em sala de aula e adotar procedimentos de ensino alternativos – como é o caso do desenvolvimento de uma sequência de módulos para a produção da leitura e escrita. Também se deve mencionar que a realização deste trabalho de pesquisa foi uma oportunidade de reconhecer que o ensino não pode nem deve assumir um formato engessado e avesso a inovações, pois a aplicação foi feita de forma remota, porque estamos em uma pandemia.

A educação literária necessita da escola para realizar-se. E a experiência com o ensino presencial é bastante diversa da do ensino remoto. Como fazer a construção de leitura do texto literário, escrever sobre ele, se apropriar, se tivemos dificuldade de ter acesso ao estudante, e o estudante às nossas orientações, neste cenário de pandemia? Algumas experiências de leitura, só acontecem no momento da leitura coletiva, elas são construídas de forma contínua e conjunta e são muito enriquecedoras. Essa possibilidade a pandemia nos tirou. Assim, nesta pesquisa, tivemos uma pequena amostra de um grupo de alunos que permaneceu firme e resistente a nova realidade.

A escola é o único espaço de formação do leitor para a maioria dos estudantes de EJA, mesmo com todas as limitações do cenário de pandemia, a proposta desenvolvida evidenciou a importância e eficácia das etapas (pré-textual, textual e pós-leitura) no planejamento do processo de letramento literário. Fizemos adaptações durante a aplicação para ajustar ao

momento, porém o resultado não ficou comprometido. Ademais, o letramento literário é um processo contínuo e as leituras compuseram um mosaico de recordações, reminiscências, lembranças, memórias vividas e inventadas, sob a forma de narrativas.

A leitura dos textos da literatura produzida em Mato Grosso, trouxe aos leitores lembranças de acontecimentos. Deste modo, ficou evidenciado o efeito agregador que textos memorialísticos têm na educação de jovens e adultos, pois mesmo diante do afastamento do convívio escolar, encontramos outras possibilidades para que o desenvolvimento da proposta alcançasse o resultado profícuo.

Nesse sentido, lembrar e escrever sobre o passado é uma experiência pessoal e intransferível, que traz não só boas, mas também desagradáveis recordações. Transformá-las em palavras supõe recortes, omissões, escolhas subjetivas que se quer partilhar sob a forma de um livro escrito por vários autores e que terá muitos leitores. Esta talvez tenha sido a maior dificuldade enfrentada por muitos alunos na escrita das memórias, principalmente, porque a experiência de um lugar de autoria não é uma prática comum a uma grande maioria de cidadãos brasileiros. Se já se reconhece a distribuição desigual do direito à leitura, maior ainda é essa desigualdade quando se trata da escrita, do lugar de autor.

Em síntese, podemos afirmar que a oportunidade de narrar memórias através da escrita promove a experiência particular e pessoal a algo significativo tanto para o indivíduo como para o grupo, contribuindo para a construção de si e atingindo a dimensão dialógica de modo mais amplo. Registrar as memórias não para guardá-las de novo, já que estavam, de certo modo, arquivadas, por cada um de seus autores, entre as lembranças da escola, da sua infância, da sua vida. Estes registros feitos em páginas de um livro têm as mãos do outro como destino. O que antes estava fora do alcance do outro sob o risco do esquecimento é agora possível de ser partilhado.

Ao ler as memórias, percebemos o quanto as histórias passadas se misturam à vida presente, como cacos que compõem um mosaico – a um só tempo individual, porque cada história de vida é única; e coletivo, porque cada pessoa quer comunicar a sua história por meio da linguagem escrita para estabelecer relações com o outro. Assim, por mais que essas histórias sejam diferentes entre si, os seus protagonistas se unem no ato de escrever, indiciando um cenário histórico, político e cultural específico de um grupo social com características particulares. Esses alunos e alunas trazem consigo as marcas e consequências de uma sociedade que, de um lado, demanda o acesso às práticas de leitura e de escrita, de outro, o dificulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1984.

ALVES, Eliana Maria Sarreta. **O conhecimento prévio do aluno da EJA em questão**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. (org.). Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013, p. 179-199.

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. **Veja São Paulo**. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre crônica. In: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

BAGGENSTOSS, Deise. **Poemas e narrativas curtas da literatura mato-grossense**: produção de leitura e de textos multimodais. 2018. (Dissertação de Mestrado). Mestrado Profissional em Letras, com concentração na área de Linguagens e Letramentos. Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Sinop, Mato Grosso. Sinop, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ymUfK_Cp1bazMHD_Z4fP3MfTLNIEgxfI/view>. Acesso em: 20 out. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos**: currículo e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 14 maio 2019.

BRASIL. **Ementa Constitucional n. 14, de 12 de setembro de 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc14.htm. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 23 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Com alterações até a Lei nº 13.826, de 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BRASIL. **Parecer n. 11, de 19 de julho de 2000.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 2 abr. 2020.

BRASIL. **Parecer n. 39, de 08 de dezembro de 2005.** Brasília: Câmara da Educação Básica. Conselho Nacional de Educação, 2005. Regulamenta a aplicação do Decreto n. 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer392004.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019.

BRASIL. **Resolução n. 03, de 15 de junho de 2010.** Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642-rceb003-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 mar. 2019.

BUÑUEL, Luís. **Meu último suspiro.** Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão.** Para gostar de ler: Crônicas. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

COELHO, Marcelo. Notícias da crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (org.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 155-162.

COSSON, Rildo, **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, Rildo, **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CRUZ, João Corrêa; SILVA, Rosenilda Vilhena da Costa; SANTANA, Tauany Ketrin Pires de. FERREIRA, Ângela Brito. As possíveis dificuldades na escrita dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. **Recanto das Letras.** São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3380877>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DELORS, Jacques. **Educação - um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1996.

Disponível em:

http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a História. In: LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma. (org.). **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo, RS: ANPUH, 2000, p. 23-38.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

IRELAND, Timothy; MACHADO, Maria Margarida; PAIVA, Jane. (org.). **Educação de jovens e adultos**: uma memória contemporânea, 1996-2004. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão; Irene Ferreira; Nilson Moulin Louzada; Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LIMA, Icléia Rodrigues de. **Passado a limpo**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2018.

MALAGUTTI, Nilze Maria. **Letramento literário na EJA**: estratégia para a leitura e à escrita. 2015. (Dissertação de Mestrado). Mestrado Profissional em Letras, com concentração na área de Linguagens e Letramentos. Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Sinop, Mato Grosso. Sinop, 2015. Disponível em:

<<http://portal.unemat.br/?pg=site&i=profletras-sinop&m=trabalhos-de-conclusao&c=turma-1>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e sua funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATO GROSSO. **Concepções para a Educação Básica**. Documento de Referência Curricular para Mato Grosso. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/12IdfeadygzgIyA2FnyYB0tpHZiYSJw9p/view>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MATO GROSSO. **Decreto n. 1.988, de 10 de junho de 2009**. Dispõe sobre a mudança de denominação da Escola Estadual que adiante menciona. A Escola Estadual “Cleonice Miranda da Silva”, localizada no município de Colider/MT, passa a ter a seguinte denominação: Centro de Educação de Jovens e Adultos “Cleonice Miranda da Silva”. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/legislacao/diario_oficial#956-2009-false-12>. Acesso em: 22 set. 2018.

MATO GROSSO. **Decreto n. 1.826, de 11 de outubro de 2000.** Dispõe sobre a denominação das instituições de Educação Básica, criadas e mantidas pelo Poder Público Estadual, e dá outras providências. Disponível em:

<<http://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/9121200/11.10.2000+Decreto+1826++EPS.pdf/74224722-90a0-ccd0-0d5b-2c6968d38bcc>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MATO GROSSO. **Decreto n. 4.324, de 1994.** Cria a Escola Estadual de Suplência de 1º e 2ª Graus “Cleonice Miranda da Silva” em Colider. Cuiabá, MT: Governo Estadual, 1994.

MATO GROSSO. **Decreto n. 579, de 08 de fevereiro de 1988.** Institui o Núcleo de Educação Permanente de Colider. Cuiabá, MT: Governo Estadual, 1998.

MATO GROSSO. **Parecer Comitê de Ética n. 3.904.057, de 08 de março de 2020.** Aprova o Projeto de Pesquisa de Juliana Oliveira Costa e Santos.

MATO GROSSO. **Resolução n. 180, de 05 de setembro de 2000.** Fixa normas para a oferta da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino. Disponível em: <<file:///C:/Users/Sucesso/AppData/Local/Temp/RESOLU%C3%87%C3%83O+180+00+CEE-MT+EDUCA%C3%87%C3%83O+DE+JOVENS+E+ADULTOS.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MATO GROSSO. **Resolução Normativa n. 005, de 28 de dezembro de 2011.** Mato Grosso: Conselho Estadual de Educação, 2011. Fixa normas para a oferta da Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino. Disponível em: <<file:///C:/Users/Sucesso/AppData/Local/Temp/RESOLU%C3%87%C3%83O+005-2011.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MATOS, Edilene Dias. Memória, corpo e voz: teatralidade das poéticas orais. In: ASSUNÇÃO, Luiz; MELLO, Beliza Áurea de Arruda. (org.). **Paul Zumthor: memórias das vozes.** São Paulo: Assimetria, 2018, p. 169-189.

MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa. **Letramento em EJA.** São Paulo: Parábola, 2009.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Ler e escrever na biblioteca. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SHÄFFER, Neiva Otero; GUEDES, Paulo Coimbra; KLÜSENER, Renita. (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 219-230.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania. (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, n.14, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 25-39. Disponível em: <<file:///C:/Users/Sucesso/AppData/Local/Temp/41644-140331-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 12, 2011. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ROUXEL, Annie. Apropriação singular das obras e cultura literária. Tradução de Amaury C. Moraes. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). **Leitura subjetiva e ensino da literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 165-189.

ROUXEL, Annie. O advento dos leitores reais. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). **Leitura subjetiva e ensino da literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 191-208.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 145, 2012, p. 272-283. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp, 2011, p. 101-107.

THIOLLENT, Michel, **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3. São Paulo, 2005, p. 443-466.

VIEIRA, Maria Clarisse; FONSECA, Selva G. Políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil: experiências e desafios no município de Uberlândia –MG (anos 80 e 90). **Anais da 23 ANPED**. Caxambu, MG, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1819t.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

Anexo I. Crônica I - O Bolo da caixa azul

Por volta dos 10 anos, os meus e os de outras crianças catalanas dos anos 50, topamos com os apelos das propagandas e soubemos da existência de itens de consumo de comidas e bebidas estranhas, de farmácias pouco habituais, de perfumarias exóticas. Elas chegavam através do chamariz dos anúncios bem ilustrados, dos jingles que se ouviam e repetiam dos programas de rádio. Vinham fortes dominantes nos horários de novelas feito *O direito de nascer* e dramaturgias seriadas como o teatro *Orniex e Presídio de Mulheres*.

A “deliciosa e refrescante Coca-Cola” figurou nos imaginários associada a “um mundo de coisas” que a propaganda radiofônica garantia que havia atrás da tampa da garrafa e, mais ainda, associada a valores universais sagrados, já que ela surgia para ser “a bebida da família e da cordialidade”. Daí que num certo Fim de Ano andei me entusiasmando demais com a canção de uma dupla anônima: “Feliz Natal! Feliz Ano Novo! São os votos de Coca-Cola”. Já havia o Guaraná Champagne desde 1921, mas uma certa musiquinha novidadeira quis criar uma enorme curiosidade acerca de uma nova bebida de uva: “Quem bebe Grapette, repete Grapette! Grapette é gostoso demais!”.

Por outro lado, a despeito do apelo nascente e vigoroso da propaganda, não bebi Grapette, nem Coca-Cola, nos meus 10 anos, nem vi outras crianças bebendo. Também não comi chocolate Baton, Bis ou Diamante Negro, nem caramelos Kid’s, nem biscoitos Piraquê ou Aymoré, nem Maria-Mole, nem mole, nem dura. Não masquei goma de marcar Ping-Pong nos meus 10 anos. A meninada catalana- sobretudo os viventes ao norte e acima dos trilhos da Rede Mineira de Viação e, acredito a maioria moradora nas outras cidades da região da estrada de ferro – esteve longe das indústrias, dos hábitos e das facilidades que o fizessem sucumbir aos reclames da propaganda e correr para comprar pacotes de biscoitos, garrafas de bebidas e tabletes de chocolate.

Foram um tanto raras as guloseimas disponíveis para as crianças ou que a propaganda da época pudesse induzir a consumir. Como de costume, ao menos na margem norte dos trilhos da estrada de ferro, os garotos do Marca-Tempo continuamos a comer nossos singelos tabletes de doces de leite, as cocadas, as queijadinhas, os quebra-queixos, os pirulitos cor de âmbar, os picolés vermelhos de groselha, os suspiros multicoloridos em forma de flor, todos feitos ali mesmo, geralmente por senhoras da cidade, e levados em tabuleiros, geralmente por meninos, ou expostos em algumas das “vendas” da cidade.

Um terceiro fato me vem a memória, juntando o assunto propaganda com as ideias havidas de corpo e o silêncio sobre ele.

Eu me encantei perdidamente com um produto que não sabia bem o que era. Vira o anúncio numa revista, trazida da casa dos avós de minha mãe, que O Cruzeiro, não me é exato.

Era uma sorridente e linda moça conduzindo um prato com um bolo e três crianças indo atrás dela, alvoroçadas e gulosas, no meu entender. Com letras grandes, mas nem tanto vinha a frase: “Ela é moderna; ela sabe viver! ”. E na parte inferior da página a imagem de uma caixa azul de papelão, também no meu entender. Não vi muita ligação entre a moça e a frase: “Ela é moderna; ela sabe viver! ”. Supus que aquela mulher do desenho “soubesse viver” por estar com um vestido bem rodado, de salto bem alto e, ao mesmo tempo bem à vontade em casa com seus filhinhos. Menos ainda vi relação de sentido entre a frase, as imagens e o nome inscrito na caixa– Modess.

Dias depois de ter visto este anúncio, fui com meu pai a um empório, a loja do Ly de Araújo. Então topei ali dentro, próxima às portas de entrada, com uma pilha de caixas, justo daquela caixa misteriosa com o nome Modess. Prelibando um gosto de bolo, chamei meu pai, apontando a pilha e com voz alta:

_ Pai! Compra pra mim, pai! É um bolo! Eu vi na revista a mulher que comprou um assim. Eu também quero!

Pela terceira vez, entre os 5 e os 8 anos, me mandaram veementemente calar a boca. Entretanto, desta vez eu juntei alguma explicação, que eu não pedi, mas me deram pelas frestas, já que meu pai contou à minha mãe que eu tinha falado alto e “quase o tinha matado de vergonha! ”.

Depois dessa terceira lição de como ficar muda e quieta a propósito do corpo, o meu e o dos outros, eu permaneci sem tossir nem mugir até as lições que me vieram com a adolescência, começada aos 11 anos e meio. De modo que até o dia em que amanheci sangrando pela primeira vez, eu não sabia que diabos era aquele sangue. Minha mãe, que tinha 28 anos e parecia já saber de seu corpo de mãe, não soube falar comigo do acometimento daquele meu corpo de filha. Apenas me trouxe um dicionário que me pôs no colo, aberto numa página de palavras começadas com a letra “M” e me apontou com o dedo a palavra “Menstruo”. Então eu tive que chegar sozinha a outros substantivos para ler o que é “Menstruação”: “Fluxo de sangue e restos de mucosa uterina periodicamente eliminados pela vagina (ger. A cada período de cerca de quatro semanas), nas mulheres não grávidas, entre a puberdade e a menopausa”. Daí para frente a mudez, a quietude e as sombras foram um tanto quebradas. O corpo – o meu e o dos outros – passou a mudar e me mostrar significados até então incompreensíveis. E foram mais célebres as lições que aprendi. Aprendi que até a semana seguinte que Modess não é bolo. E desconfiei que ser “moderna” é saber o que está vivendo escondido dentro de caixas. Isso me veio no correr da vida nos anos que se seguiram.

Anexo 2. Crônica II - As brevidades de Rita Vaz Pinto

Siá Rita Vaz Pinto era mãe de papai, Célio Rodrigues Pinto. Vó Ritinha era bem mão-fechada, conforme minha mãe; e sábia, conforme o filho dela. Não gastava muito com a despesa. Verduras, temperos e frutas vinham do quintal, ovos e franguinhos vinham do galinheiro.

Chegava de fora, na carroça do seu Manoel, um leite gordo, de que ela juntava as natas para fazer sua manteiga. Também de fora e de algum sítio vinham o queijo e o polvilho que ela não fazia, o feijão que devia ser novo e o arroz que devia ser erado. Muitas vezes ela ganhava rapadura que adoçava no lugar do açúcar cristal o café que ela torrava em casa, no fogão de lenha e moía num moinho, ali numa parede. Óleos de cozinha, não. Ela fritava toicinho e tinha latas de banha branquinha, que cheirava muito quando fritava o alho para assustar a couve para guarnecer o tutu, às vezes para mexer com torresmo, farinha e pimenta-malagueta, perene e colada nos muros do quintal.

Era tudo, assim, um de-comer simples. Vovó não era nada fazendeira daquelas comidas finas da minha bisavó Sinhá, que gostava de reunir os netos para almoços e merendas e ela, que nem tinha chamego com crianças. Cá comigo, sempre achei que ela não gostava mesmo era de gastar e ter trabalhos com as comezainas. Aliás, ela não gostava muito de hóspedes: quando chegava alguma carta com a notícia da vinda de algum irmão com filhos e achegos, ela muito depressa pedia ao parente que fizesse o favor de mandar a passagem para ela, que estava de cálculo de ir à capital, para ver a familhama inteira e não só o mano!

Separada da casa dessa avó só com um muro, estive próxima dos cheiros que emanavam do fogão e das panelas dela. Nos domingos, lembro-me demais dela e de um certo bolo que ela fazia, com muitos poucos ingredientes. Siá Rita diria que esse é um bolo bom porque gasta pouco. Um nutricionista escolado nessas teorias modernas e um tanto inúteis diria que é um bolo bom porque não tem lactose, nem glúten, nem gordura. Era a brevidade.

Ela batia a clara de meia dúzia de ovos até ficarem duras e firmíssimas, coisa que ela comprovava virando a tigela e vendo que já não caíam. Juntava as gemas, batia, daí o açúcar, batia, daí um fitilho de casca de limão, batia, daí meia dúzia ou mais de colheres de polvilho, batia. Batia até doer a munheca e fazer bolhas nessa massa. Então, siá vovó despejava aquela mistura numa caçarola de ferro apenasmente untada de banha, levava à boca do fogão, tampando a panela com bandejinha cheia de brasa. O bolo aprontava logo: era só o prazo de ela aqueitar um chá de erva-doce que trazia seca da horta da Vó Fiico, ou um cafezinho novíssimo.

Nesta hora do domingo, quando nem almocei ainda, me dou conta de que a vida correu naquele coador fumegante. Não seria a mesma vida com aquele bule esmaltado de verde, nem seria o mesmo gosto da brevidade de vó Ritinha. O gosto chegado à língua costuma ser sentido quando sabido pelo coração...

Anexo 3. Crônica III - Check-ups de ontem e piriris de hoje

Nestes dias de check-up que ando fazendo, eu bem que gostaria de ter 10 anos. Tivesse eu esses 10 anos e não precisaria de tantos exames para saber se está bem minha saúde, o que não está e como tratar o que não está.

Dona Dalma não carecia de farmácias para tratar o que não estava bem. Era dona daqueles saberes vindos com as usanças do cotidiano. Bastava o olhar atento dela à cor das caras e ao branco-do-olho dos dois filhos, o ouvido aberto ao chiado dos peitos na noite alta, o tato na temperatura das bochechas e moleiras, o faro posto nas emanções dos corpos e seus orifícios. Vez ou outra mamãe convocava uma junta das mais notáveis, que ela dizia mais eradas ou melhores do que ela: a Sinhá, que era a dinha e avó dela; Mara Abadia, a mãe dela e minha avó; siá Ritinha, sogra dela e outra mais minha avó; vó Preta, a vizinha e vó postiça. Todas eram pós-graduadas em Sensocomunologia e tinham receitas e tratamentos respeitáveis e infalíveis.

Para ficar em uns poucos exemplos, todas tinham em casa um vidro de mel de jataí, remedinho sagrado ou ingrediente básico para compor quase todo tratamento. Semente de sucupira no infuso de Biotônico elas sempre prescreviam para “garganta inflamada” e raquitismo. E as conservas de jurubeba no vinagre eram um santo curador dos fígados dos homens mais chegados numa pinga de alambique. Todas tratavam os males crônicos de “senhoras” com garrafada de vinho com raiz socada de salsa assim como amainavam as dores agudas das mocinhas “naqueles dias” com chá de arruda e mentrasto. Quando uma sabia extrair um berne, bicho-de-pé, piolho, lêndea. Também faziam vir a furo o carnegão de qualquer furúnculo ou pereba, com pomada de basilicão.

Cresci vivendo essas medicinas e fui vendo uma a uma irem-se findando com as finadas do entorno familiar. Nada desses procedimentos e farmacopeias me lembram muita tristeza e dor. Entretanto, havia um dia no ano que as crianças não gostavam, não senhores.

Bem cedo, a gente era convidada a comer uns tabletes – “até gostosinhos”, conforme minha mãe e “horroroso”, conforme eu mesma – feitos de rapadura de engenho, erva-de-santa-maria e sumo de laranja-da-terra. Eram para as lombrigas. Às vezes, os tais tabletinhos era substituídos por uma colher de óleo de rícino, esse gosto mais nauseabundo existente na face

da Terra, que a gente deglutia trancando as narinas e só abrindo quando já tinha na outra mão um chá de canela adoçadíssimo de mel para rebater e aliviar. Hora depois era chegado o famigerado piriri. E vinha com tantas idas, apitos e voltas que, ao cair da tarde, popas assadas e barrigas fundas, a gente esperava um prato de sopa como um banquete e uma grande celebração...

De modo que deve ser por causa dos piriris de antanho que, hoje eu não gosto nem um pouco de canela, nem de mel, nem de comida aguada e muito menos de check-ups!...

Anexo 4. Crônica IV - Bom Jesus de Cuiabá

Cheguei em Cuiabá no ano de 1975. Era um meio-dia de setembro, fazia um calor de 40 graus e eu me lembro que a pele grudava na roupa. Mas a melhor lembrança da minha primeira tarde cuiabana foi que me refresquei na sorveteria Seror, único lugar no mundo onde tomei o melhor sorvete e laranja e de bocaiuva.

Há 40 anos, o ribeirão Prainha era a céu aberto e, depois das chuvas, ainda descia das voçorocas vindas do Araés alguma pepita de ouro, que algum menino juntava em vidrinhos. Pisava-se em paralelepípedos e, ao subir de carro a Getúlio Vargas ouvia-se um “ploc-ti-ti-ploc” de pneus sobre cimento até quase chegar à Lavapés, passando pelo alegre Chopão, ainda sem o barulho demais de hoje. No centro, na Praça da República, o Correio tinha algo mais importante ao lado da catedral, que ainda era, com a Praça Alencastro, lugar de mais gente para rezas e passeios. Cuiabanos compravam no entorno, em lojas e boutiques como a Porão, a Prado, a Casa Alberto...

O Coração de Jesus era um colégio só para moças; havia uma feira livre na 13 de junho, onde o Marzagão tinha fama de prédio mais alto. O Dom Bosco era um clube, o Sayonara uma boíte e o Internacional um bar. Podia-se ir a Leverger para as praias de julho ou para a comida do Cacimba. Era de pedregulho a avenida que rumava para um CPA ainda inexistente. Ficavam em um Coxipó muito longe de chegar os três blocos ou quatro da Universidade Federal de Mato Grosso, que algumas falas insistiam em chamar de Uniselva...

Foi esse Cuiabá o lugar onde acabei de criar minha filha, onde ela se casou e gestou seus dois filhos e onde veio a viver meu pai os últimos cinco de seus noventa e seis anos. Apesar de ter ido e vindo muitas vezes pelo dever do ofício, sempre estive muito próxima de meu único irmão, chegado aqui antes de mim, para também aqui ter filhos e netos. Somos uma parentela pequena, nunca fomos notícias em jornais, em rodas ou salões, nem alvos de homenagens por comendas ou títulos de cidadania. Entretanto, temos o respeito de conhecidos, o carinho de amigos e a confiança de alguns companheiros de trabalho. Somos dois goianos nessa terra que

nos cuiabanizou. É o chão que nós amamos e que, provavelmente, nos irá cobrir e proteger quando nos formos de cá...

(Crônicas extraídas de: LIMA, Icléia Rodrigues de. Passado a limpo. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2018.

Anexo 5. Tecendo Memórias

Juliana Oliveira Costa e Santos

Tecendo Memórias

**Editora
Ações literárias
Sinop/MT
2020**

Direitos autorais protegidos por lei. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, sob nenhuma forma ou meio de reprodução ou utilização, sem a expressa permissão da autora/editora. Conste-se em toda citação, o nome da autora.

Direção editorial: Dolores Flor da Cruz Leite

Fotografia: Arquivo Juliana Oliveira Costa e Santos

Textos: Alunos CEJA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

S237t

Santos, Juliana Oliveira Costa e (Org.)

Tecendo memórias / Juliana Oliveira Costa e Santos
(Org.). – 1. ed. – Sinop, MT: Ações Literárias Editora, 2020.
32 p. ; 14x21cm.

ISBN: 978659901499-4

1. Literatura brasileira : crônicas. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Letramento literário. I. Lima, Icleia Rodrigues de. II. Centro de Educação de Jovens e Adultos Cleonice Miranda da Silva. III. Título.

CDU 82-9

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura brasileira : crônicas 82-9
2. Literatura brasileira : crônicas B869.93

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 – SINOP- 78.551-350
FONE (66) 9 9643-5501
LOJA VIRTUAL: SABERES ONLINE
www.saberesonline.com.br
www.escritorescontemporaneos.com.br



**"A vida não é a que gente viveu, e sim
aquela que a gente recorda, e como
recorda para contá-la."**

Gabriel García Marquez



Apresentação

Este livro é o resultado de pesquisa desenvolvida com estudantes do CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos- “Cleonice Miranda da Silva” de Colider, proposto no projeto de **Letramento Literário: Crônica Memorialística – uma experiência de produção de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos** com o objetivo de promover a formação do leitor da EJA, por meio de atividades de letramento com textos memorialísticos, que possam despertar o conhecimento de mundo e experiências pessoais dos alunos.

A pesquisa teve como inspiração a obra *Passado a limpo*, da escritora Iceia Rodrigues de Lima, que narra as lições apreendidas em cada fase da vida, em crônicas memorialísticas. A partir da leitura de alguns textos, os estudantes produziram textos sobre suas memórias de momentos, histórias e eventos. Validaram suas experiências e deram um novo

significado à sua vida; afinal de contas, as memórias podem ser um tesouro valioso, pois evidenciam sentimentos, emoções e impressões sobre acontecimentos vividos e as narrativas são a materialização das lembranças e das memórias. Assim, o passado tornou-se presente pela memória.

Desta maneira, espera-se que ao ler as crônicas vocês possam se emocionar, viajar e se divertir com a produção dos autores. Parabenizo a cada um dos estudantes pelo empenho e disposição em partilhar as experiências vividas. Ótima leitura!

Profa.

Juliana Oliveira Costa e Santos

(Organizadora)

SUMÁRIO

Por amor.....	10
Ana Josina de Melo	10
A chegada do novo.....	13
Valtair Rufino de Souza	13
Em busca de dias melhores	16
Saintonise Alneus	16
A vida da gente	19
Elias Pinheiro dos Santos	19
Dias de luta, dias de glória.....	20
Pedacinhos de mim	24
Rosenilda da Silva Lobato	24
Entre Luzes e encantos	27
Ruanna Kelly da Silva	27
A cidade cresce e os rios têm sede	30
Elizardo Joviano da Silva	30

Ana Josina de Souza



nasceu em 1968, em Vargem Grande do Rio Pardo - MG, filha de Joaquim e Tereza. Em 2013, casou-se e mudou para Colider-MT. Nas horas vagas gosta de fazer bolo e passear. Ana voltou a estudar e está frequentando o CEJA "Cleonice Miranda da Silva" pretende terminar o ensino médio e depois fazer um curso técnico.

Por amor...

Ana Josina de Melo

Eu morava em Taiobeiras, uma cidade localizada ao norte de Minas Gerais, passava os dias ajudando e cuidando da minha Mãe. Em um sábado do ano de 2013, fui visitar meu sobrinho em Pintado, pois ele havia me dito que iria me apresentar o tio da esposa dele, que estava procurando uma namorada, fiquei interessada e ao chegar lá, veio um homem abrir o portão, que fez meu coração disparar, pensei é ele. E era mesmo, Agenor, fiquei encantada, mas triste ao mesmo tempo, porque ele morava muito longe, em Colider no Mato Grosso. Conversamos muito e percebi que ele também ficou interessado em mim. No dia seguinte, Agenor foi até minha casa me pedir em casamento, mas minha mãe não deixou, dizendo que era muito longe e que ela me queria perto dela. Agenor voltou para Mato Grosso, eu decidi que queria morar com ele. Juntei dinheiro suficiente para a passagem e para a viagem e fugi, porque eu queria realizar meu sonho de ter um marido, uma casa, enfim uma família. Comprei uma passagem até Salinas e outra de Salinas para Cuiabá. Trazia algumas roupas e um pouco de dinheiro, mas o coração cheio de esperança para a minha nova vida.

Em Cuiabá, Agenor estava me esperando viemos até Sinop de ônibus e pra chegar em Colider viemos de carro, porém a estrada estava bloqueada por um movimento dos Sem-terra. Tive que fingir que estava doente para conseguir chegar em Colider. O nervosismo e a ansiedade tomavam conta de mim, eu estava prestes a realizar meu grande sonho de ter um esposo, uma casa e uma família, mas será que iria dar certo? Deixei meus pais em Minas chateados comigo, será que fiz a melhor escolha? Depois de uma viagem cansativa chegamos, fui muito bem recebida pelos filhos de Agenor. Depois de quatro anos, fui visitar minha mãe, que hoje, entende que eu precisava viver esta experiência. Estamos casados há alguns anos, voltei a estudar e vamos vivendo um dia de cada vez.



Valtair Rufino de Souza nasceu em 1987, em Colider-MT, onde reside até hoje. Filho de Cacilda e Nelson, atualmente estuda no CEJA "Cleonice Miranda da Silva". Nos momentos livres gosta de tirar um

tempo pra si, ficar em casa, assistir filmes, fazer uma leitura de deleite. Estar com a família, principalmente a filha, gosta de levá-la para o campo, curtir toda a calma da natureza.

A chegada do novo

Valtair Rufino de Souza

Lá pelos meus 7 a 8 anos de idade, morávamos, meus pais e meus quatro irmãos, em um sítio na Comunidade Bolichão. Certa vez, meus pais ouviram no rádio o anúncio de um objeto chamado geladeira a gás. E depois disso, eu meus irmãos, ouvíamos várias vezes pai e mãe conversando sobre este objeto. Ficamos curiosos em saber o que seria esta tal geladeira a gás? De uma coisa eu tinha certeza, era um objeto de muito valor, lembro que meu pai vendeu, na época, seis cabeças de gado para adquirir a tal geladeira a gás.

Quando chegou esta novidade em casa, ficamos apreensivos, era uma caixa grande e bege. E dentro estava ela, a geladeira a gás. Foi retirada da caixa com todo cuidado e admiração, abriu-se a porta e dentro havia várias repartições para acomodar os alimentos. Mas como isto iria funcionar? A imaginação corria solta.

Até então, em datas especiais, tomávamos um refrigerante chamado Tubaína gelada no sereno. E a partir de agora, era a geladeira a gás que iria deixar nossa bebida preferida gelada. E o grande momento chegou,

meu pai ligou a geladeira, não saímos de casa, ficamos lá admirando aquele objeto e esperando para ver o que iria acontecer. Levamos muitas broncas da minha mãe, porque não saíamos de perto da geladeira até que, ela nos prometeu que assim que tivesse alguma coisa gelada nos chamaria. Diante da promessa, e das broncas, saímos para brincar, mas ansiosos em ouvir o chamado de minha mãe. A geladeira a gás que chegou em nossa casa, foi motivo de muito falatório na região, afinal de contas era um objeto revolucionário.

Passou um tempo, que parecia uma eternidade, ouvimos o chamado tão esperado de minha mãe, a Tubaína estava gelada. Fomos tomá-la, quantos risos naquele momento, ríamos muito, uma sensação que jamais irei sentir novamente, minha bebida preferida estava mais saborosa e gelada, um sabor mágico.



Saintonise Alneus , nasceu em 1993, na República do Haiti. Filha de Rosette Alcindor. Em 2017, mudou para o Brasil em busca de melhores oportunidades. Estuda no CEJA "Cleonice Miranda da Silva". Pretende terminar o ensino médio e fazer a faculdade de Enfermagem. Nos momentos livres gosta de brincar com a Ruth(filha) e também ir à igreja

Em busca de dias melhores

Saintonise Alneus

Eu sou Saintonice, morava em Custine, uma vila rural, a cerca de 5 km ao norte da região sul de Cavaillon no Haiti. Cerca de 15.000 pessoas vivem lá. Greater Custine possui 1 escola frequentada por 232 alunos. É uma escola católica que cobra entre US \$ 60,00 e 90,00 EUA / ano, sem incluir livros, uniformes, sapatos ou taxas especiais. Meus parentes moram todos lá, mãe, irmãos, sobrinhos, cunhados, tios e tias. O Haiti é um país maravilhoso, tem muitos lugares bonitos e outros nem tanto.

Meu sonho era vir para o Brasil, que é um país acolhedor e cheio de oportunidades. Smith, meu namorado veio primeiro, e conseguiu um trabalho na JBS Curtumes de Colider-Mato Grosso, depois me ajudou, para que eu viesse também. Minha viagem foi muito triste, tive depressão, porque deixei toda minha família, minha história e minhas raízes lá. Pra chegar aqui, foram dois dias de avião. Mas fiquei firme, pois a situação exigiu que eu fosse forte para realizar meu sonho de morar no Brasil e poder ajudar os que ficaram, porque a situação não está boa por lá.

Percebi que aqui no Brasil, todas as pessoas trabalham para ajudar no sustento da família, homens, mulheres, jovens e até idosos. No Haiti não é assim, acho que deve ser porque lá, a maioria das oportunidades são para trabalhos braçais.

A vida por aqui, não está sendo fácil, cheguei em 2017 e não consegui um trabalho com registro. Mas consegui fazer amigos, frequento uma escola e a igreja que me acolheram muito bem, e minha filha nasceu nesta terra. Não penso em viver em outro lugar, só saio daqui se não conseguir serviço, porém tenho fé, de que vou conseguir realizar meu sonho que é ter um emprego de carteira assinada, uma casa, um carro e viajar para outro país.



Elias Pinheiro dos Santos, nasceu no ano de 1971, em Corumbataí do Sul-PR. Filho de Geraldo e Corina. Atualmente, mora em Colider-MT e estuda no CEJA "Cleonice Miranda da Silva". Nas horas vagas, gosta de ler a bíblia e livros de ficção, mexer com plantas e fazer mudas é ,também, um de seus passatempos preferidos. No futuro, pretende ampliar sua panificadora caseira, levá-la para um prédio comercial.

A vida da gente

Elias Pinheiro dos Santos

Na minha infância, nos meus 9 a 10 anos, o sonho de consumo das crianças, dos meninos principalmente, eram bola ou bicicleta. As propagandas das gomas de mascar ou chicletes nos encantavam, porque ao comprá-las você ganhava uma revistinha com imagens de bolas, bicicletas e outros brinquedos, todas em quadrinhos para preencher com figurinhas e quando preenchia o objeto com as figurinhas você poderia ganhar o brinquedo preenchido. E onde conseguir as figurinhas? Nos chicletes vinham as figurinhas para você preencher a revistinha.

Eu sonhava com uma bola ou bicicleta, e comprava os chicletes, sempre na esperança de preencher a figura dela. Gastava todas as moedinhas que meu pai me dava para comprar os chicletes, abri-los e pegar a figurinha para preencher a revistinha, era uma expectativa muito grande cada vez que se abria um chiclete, pois poderia ser aquele dia que finalmente eu conseguiria meu objeto de desejo, já até imaginava como seria: ao abrir a revista lá estaria a única figurinha que faltava, ia pular e gritar muito. Então iria correr para a venda do Sr. Ângelo buscar minha

bicicleta e voltaria para casa todo feliz, pedalando e meus amigos correndo atrás de mim. Ah, que sensação maravilhosa. Meu pai ia ficar numa alegria só, porque ele sabia o quanto eu queria este prêmio e ao anoitecer, ela seria colocada ao lado da minha cama, para eu dormir ao lado do meu sonho concretizado. Na verdade, este dia não chegou, mas a possibilidade de ter este sonho realizado me motivou por um bom tempo a adquirir chicletes.

Dias de luta, dias de glória

O ano era 1975, eu tinha apenas 04 anos de idade, minha mãe havia falecido um ano antes, então meu pai decidiu mudar para o Mato Grosso, porque a conversa que corria no Paraná era de que aqui, é muito fácil adquirir terra. Viemos em uma kombi, juntamente com nossa mobília e a de outra família. Fomos morar em um barracão de lona, vivíamos com muito pouco, mas tenho lembranças de muita alegria daquele período, nossa propriedade ficava próxima da ponte do Rio Carapá, rio que hoje agoniza, era uma época de muita chuva,

muitas vezes chovia por 30 dias sem parar e a cheia do rio provocava enchentes, que alagavam toda nossa chácara, para mim e meus irmãos era tudo festa, mas hoje entendo a expressão de desespero que meu pai tinha na época.

Era um período em que Colider, estava iniciando sua colonização e havia muitos jagunços por aqui, chefiados pelo Sr. Loro e Sr. Francisco e o ponto de parada deles era próximo a nossa casa. Chegavam em jipes e já sabíamos quem era e avisávamos nosso pai, ele sempre tentava amenizar a situação, dizendo que eram os tios trabalhadores da região, mas os próprios jagunços gostavam de ser reconhecidos como tal. Nunca fizeram mal pra nós, inclusive davam balas e doces para as crianças da redondeza. Fazia parte da nossa rotina a chegada dos jagunços na propriedade e na sequência o tiroteio. A gente não sabia se atiravam em animais ou gente, mas ficávamos todos quietos dentro de casa.

A cidade tinha apenas a avenida Marechal Rondon, a energia era de motor gerador que era desligado às 22h. A cidade era cercada por mata fechada, havia muita onça e também o tatu canastro, que hoje está em extinção, alguns chegavam a pesar 90kg.

Depois de algum tempo, meu pai comprou outra propriedade na Comunidade Jacutinga, quando fomos para a escola. Minhas professoras foram D. Elza Suniga e depois D. Odila aprendi a ler com elas. Onde é a loja da Honda hoje, tinha uma banca de revistas e lá meu pai, que não sabia ler, comprava uns livrinhos com as histórias de João Grilo, e a alegria dele era ouvir as histórias sendo contada por mim e meus irmãos. Sempre moramos na zona rural da cidade. Foram tempos difíceis, mas que deixaram boas lembranças na memória e no coração.

**Rosenilda da Silva**

Lobato, nasceu no ano de 1979 em Mundo Novo- MS, filha de Valdete e Luiz. Reside em Colider-MT, desde 1989. Frequenta o CEJA "Cleonice Miranda da Silva" e assim que

concluir o ensino médio pretende cursar uma faculdade. Nos momentos livres gosta de fazer crochê, passear e estar reunida com a família.

Pedacinhos de mim

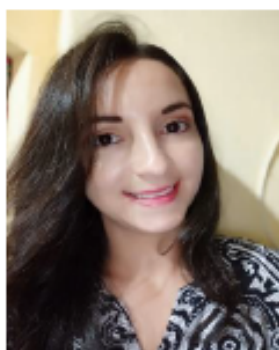
Rosenilda da Silva Lobato

Eu e minha família morávamos em Guarantã do Norte, que era uma região de garimpo, perdi meu irmão mais velho lá, e meu pai decidiu que deveríamos deixar aquele lugar por não ser apropriado para nós, pois éramos em doze crianças e era uma região violenta e de muita malária. Então, no ano de 1989 mudamos para Colider, eu tinha 10 anos. Chegamos à noite e junto com a luz do luar estava nossa esperança por uma vida melhor, fomos morar em um sítio, a 40km da cidade. Eu nem vinha na cidade era só minha mãe e o meu pai, porque era muito difícil ir até lá, não tinha ônibus, tinha que ir de caminhão, por isso eu e meus irmãos ficávamos em casa, e quando chovia a água passava por cima da ponte. Às vezes, era preciso voltar para casa caminhando.

Certa vez, viemos para a cidade em um evento muito especial, o rodeio, e ainda teve o show de Leandro e Leonardo, que dia especial foi aquele. Foram dias de espera, a escolha da roupa e a ansiedade tomou conta de mim. E foi uma noite linda e marcante, é certo que era

tudo muito precário, mas nem isso tirou o encantamento daquele momento.

E o tempo passou, namorei, casei, mudei pra Santa Catarina, voltei pra Colider e neste retorno, em um momento complicado da minha vida tive, a oportunidade de trabalhar em uma cozinha de lanchonete, desenvolvi uma habilidade que nem imaginava que tivesse, fazer lanches e aprimorar meu modo de cozinhar. Tive mais algumas experiências de trabalho em cozinhas. Fiquei desempregada e agora com a ajuda dos meus quatro filhos, montei um delivery de lanches e tenho como meta abrir um restaurante aqui, pois é um lugar bom de viver e tenho fé de que irei conseguir.



Ruanna Kelly da Silva, nasceu em 1992, natural de Iguatu-CE, filha de Maria Socorro e Francisco. É casada e tem duas filhas. Atualmente, mora em Colider-MT, está matriculada no CEJA "Cleonice Miranda da Silva". Sente que,

concluir o ensino médio é uma forma de satisfação pessoal. Gosta de estar com a família e, antes da Pandemia, passear com as filhas na sorveteria e lago da cidade. Utiliza o estudo da Bíblia como maneira de ajudar das pessoas se aproximarem mais de Deus e também, para se fortalecer.

Entre Luzes e encantos

Ruanna Kelly da Silva

Tenho muitas lembranças boas da minha infância. Mas algo que me recordo com muito carinho, foi a primeira vez que fui a um parque de diversões.

Quem me levou foi minha Tia, que mesmo depois de um dia de trabalho cansativo, não mediu esforços, para que este passeio se realizasse, e viemos do sítio até a cidade.

Quando chegamos, fiquei encantada com tudo o que vi, as luzes coloridas, as pessoas alegres, barracas de comidas e brinquedos.

De repente, o momento mais emocionante da noite chegou, minha tia me deu a oportunidade de escolher um brinquedo para brincar, e eu com imensa alegria apontei para a roda gigante, toda iluminada, colorida e o maior brinquedo do parque, a imponência dela me encantava. Minha Tia ficou assustada com minha escolha, porque ela mesma tinha

medo, mas precisou me acompanhar e superou o medo, foram momentos mágicos. Em seguida, brinquei em outros brinquedos, comi maçã do amor e o mais legal foi um anel que minha Tia comprou pra mim. Porque sempre que olhava pra ele, me lembrava de tudo que senti e vivi naquela noite especial.



Elizardo Joviano da Silva,

nasceu no ano de 1972 na cidade de Guaíra-PR, filho de Artur e Maria. Mora em Colider desde os oito meses de idade, atualmente estuda no CEJA "Cleonice Miranda da Silva". Nas

horas vagas gosta de brincar com a filha, pescar, estar nas matas às margens dos rios, fazer enxerto em pés de frutas. Esculpir vasos de barro artesanal é uma terapia. Uma atividade muito especial é ler a bíblia e refletir sobre ela. E o futuro, a Deus pertence.

A cidade cresce e os rios têm sede

Elizardo Joviano da Silva

Faz muitos, quando meu pai veio do estado do Paraná para Colider, eu era um bebê, tinha em torno de 8 meses. O ano era 1973, não existia Colider, o que tinha era um picadão na mata que chegava até as proximidades do Rio do Meio. Estavam aqui, apenas os primeiros que vieram acamparam neste lugar e meu pai foi um deles. Destes muitos já morreram. Não se sabia ao certo onde seria Colider, o que se sabia é que estávamos prestes a realizar um grande sonho, começar uma nova cidade cheia de oportunidades. Meu pai era cozinheiro e acompanhava atentamente os trabalhos dos picadeiros, que são as pessoas que abrem picadas (caminhos) no meio da mata. Era muita mata, bichos das mais variadas espécies, e também, muita chuva, os rios transbordavam e havia muita fartura de peixes. Não existia as facilidades e mordomias de cidade por aqui. Porém, todos estavam tão motivados pelo objetivo maior, que o pouco recurso que havia não fazia diferença.

Um tempo depois, conseguiu-se localizar onde seria a tão sonhada cidade de Colider e finalmente abriu a primeira rua e aos poucos

foram se instalando as primeiras famílias, mercearias e a primeira farmácia. Próximo ao Lago dos Pioneiros, no rio Jaracatiá, que hoje agoniza, ficavam os jagunços acompanhando toda a movimentação de chegada de pessoas que vinham de todas as partes do Brasil, com objetivo de conquistar uma vida melhor neste município promissor. Mas aqui o trabalho era árduo, meu pai já perdeu plantações inteiras de arroz, algumas vezes porque a chuva não deixava realizar a colheita e outras porque não tinha como transportar para outro lugar.

Hoje fico pensando nos momentos difíceis que passamos na nossa chegada, sobrevivemos e seguimos nossa vida, mas o que me marcou e me lembro com saudade é a fartura de peixes e bichos que encontrávamos e que imaginávamos que nunca iria acabar. Mas a cidade foi crescendo, e com isso muitas pessoas chegando, construções, derrubadas, caçadas, e a natureza foi sufocada com o avanço do progresso.

Organizadora



Juliana Oliveira Costa e Santos, nasceu em 1974, natural de Jaguapitã-PR. Filha de Anselmo e Esmeralda. Reside em Colider-MT, desde 1994. Mestranda do PROFLETRAS-

Mestrado Profissional em Letras- Rede Nacional (UNEMAT-Campus de Sinop), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus de Colider-MT), Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus de Sinop-MT). Professora do quadro efetivo permanente da Rede Estadual de Ensino do estado de Mato Grosso desde 2000. Leciona, na educação de jovens e adultos de Colider-MT, durante todo este período .

APÊNDICE

Resultado da Produção Escrita: Tecendo Memórias apresentação para a Comunidade Colidense

1 – Destaque na imprensa local

<https://altonorte.com.br/professora-juliana-oliveira-apresenta-o-livro-tecendo-memorias-como-producao-de-mestrado-com-historias-do-alunos-do-ceja/>

<https://www.nortaoonline.com/noticias/tecendo-memorias-livro-conta-historias-cotidianas-relatadas-por-estudantes-de-colider-13427/>

<http://reportagemnews.com.br/43181>

2 – Reunião de Apresentação



CONVITE
AUTORES (ESTUDANTES DO
EJA "CLEONICE MIRANDA DA
SILVA/2020") E A
ORGANIZADORA E PROFA
JULIANA OLIVEIRA COSTA E
SANTOS CONVIDAM PARA O
LANÇAMENTO DA OBRA:
**TECENDO
MEMÓRIAS**
DIA 15/01 ÀS 19:00
LOCAL: CEJA "CLEONICE
MIRANDA DA SILVA"
COLÍDER - MATO GROSSO







"Professora do CEJA de Colider destaca a importância da memória dos sujeitos educandos de EJA, em trabalho de Mestrado. "

Quando escolheu o tema de sua dissertação de mestrado, que será defendida na Unemat/ Campus de Sinop, em 2021, a professora Juliana Oliveira Costa e Santos, da rede pública estadual de Educação de Mato Grosso, não imaginava a relevância de sua escolha diante do que o Governo do Estado e a Secretaria de Estado de Educação anunciou em relação ao futuro de extinção inexorável dos Centros de Educação de Jovens e Adultos/ CEJAs no final de 2020.

Seu trabalho, permeado pela práxis pedagógica, pela vivência transformadora, de atuação profissional duradoura e consistente no CEJA de Colider, com um olhar atento às situações identitárias dos nossos sujeitos de EJA, é sem dúvida uma grande contribuição para

os anais da história marcante do "Cleonice Miranda" como centro de atendimento desta modalidade de Educação de Jovens e Adultos. De uma escola que, desde suas origens mais remotas, com Logos/1983, depois, NEP/1988, Escola de Suplência/1993 e finalmente CEJA CLEONICE MIRANDA DA SILVA(2009-2020), sempre se notabilizou pelo acolhimento de estudantes outrora excluídos, trabalhadores e trabalhadoras, diferentes em sua singularidade, das etnia, da cor da pele, das diversas gerações, das questões de gênero manifestas, da Educação Especial Inclusiva, dos Imigrantes, sobretudo haitianos, etc.

Enfim, o trabalho da professora Juliana demonstra a preocupação com o registro da memória de parte desses sujeitos educandos de EJA, sendo assim uma grande contribuição para o registro da história da educação de jovens e adultos deste município.

Fico imaginando como seria nossa concepção sobre o holocausto nazista, se não houvesse, além da materialidade objetiva, as diversas formas de registro historiográfico, sobretudo os depoimentos dos sujeitos vitimizados - sobreviventes e o mais importante, a visibilidade necessária para as gerações futuras.

Assim vejo, esta dissertação de Mestrado (UNEMAT/2021) intitulada "Letramento Literário: Crônica Memorialística - Uma Experiência De Produção De Leitura E Escrita Na Educação De Jovens E Adultos-EJA", que apresenta como resultado de produção o livro "Tecendo Memórias", como uma perspectiva investigativa dos itinerários de vida, dos sujeitos educandos de EJA do Cleonice Miranda, portanto um estudo de caso que perfeitamente pode ser identificado com várias situações em comum e diversos outros Educandos da EJA de Mato Grosso.

Oportuno trabalho, em um momento em que tentam apagar, a qualquer custo, a memória histórica dos Centros de Educação de Jovens e Adultos. Particularmente, o Cleonice Miranda, emblemático como espaço de contestação do status quo, tanto local, quanto estadual.

Assim igualmente importante, é o trabalho da professora Ivana Bogner, também dissertação de mestrado (UFMT 2017), cujo estudo versou sobre a formação de professores para atuarem na modalidade de EJA, concluso de forma incontestável pela constatação da ausência absoluta de políticas públicas com esta finalidade.

"Eles" empoderados, legalmente, provaram poder fechar escolas sem um mínimo de respeito com as comunidades escolares envolvidas. Inclusive, mudar nomes, baixar CNPJ, sem ao menos honrar compromissos de GOVERNO, firmados publicamente. Contudo, jamais poderão ocultar nossa memória!

Não por acaso alguns estudantes ou munícipes de Colider se referem ao espaço do Cleonice Mirando como NEP, mesmo sendo extinto há 30 anos.

É bem possível que, a despeito de ser arbitrariamente fechado dando lugar a um espaço Educacional com outra dinâmica, o lugar do CEJA “Cleonice Miranda da Silva”, estará presente no consciente coletivo, na memória das Gerações atuais, como referência nominal e emblemática de locus de Educação de Jovens e Adultos, com toda sua diversidade pulsante e ternura possíveis.

Que a memória plural de educadores de EJA e educandos jovens e adultos do Cleonice Miranda da Silva, "CEJA" tecida, hoje e sempre, no firmamento!

Cláudio Scalon

Professor Esp. em História

CEJA “Cleonice Miranda da Silva”